

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO - PPGINFO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

ANA PAULA ANTUNES

**A SEÇÃO DE “LIVROS SOBRE LIVROS” DA BIBLIOTECA
CLEBER TEIXEIRA: UM LUGAR DE MEMÓRIA DO EDITOR E
BIBLIÓFILO**

**FLORIANÓPOLIS
2022**

ANA PAULA ANTUNES

**A SEÇÃO DE “LIVROS SOBRE LIVROS” DA BIBLIOTECA
CLEBER TEIXEIRA: UM LUGAR DE MEMÓRIA DO EDITOR E
BIBLIÓFILO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação - PPGInfo, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação.

Orientadora: Dra. Gisela Eggert
Steindel.

**FLORIANÓPOLIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Antunes, Ana Paula

A seção de 'Livros Sobre Livros' da Biblioteca Cleber Teixeira:
: um lugar de memória do editor e bibliófilo / Ana Paula Antunes. --
2022.

97 p.

Orientadora: Gisela Eggert-Steindel
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação,
Florianópolis, 2022.

1. História do livro - editoras. 2. Editoras artesanais. 3. Lugares
de memória ? Editora Noa Noa (Florianópolis/SC). 4. Bibliófilos. 5.
Repertório bibliográfico. I. Eggert-Steindel, Gisela. II. Universidade
do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão de
Unidades de Informação. III. Título.

ANA PAULA ANTUNES

**A SEÇÃO DE “LIVROS SOBRE LIVROS” DA BIBLIOTECA
CLEBER TEIXEIRA: UM LUGAR DE MEMÓRIA DO EDITOR E
BIBLIÓFILO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação - PPGInfo, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação.

Orientadora: Dra. Gisela Eggert
Steindel.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Gisela Eggert Steindel
UDESC

Membros:

Dr.^a Elaine Rosangela de Oliveira Lucas
UDESC

Dra. Renata Cardozo Padilha
UFSC

Florianópolis, 27 de junho de 2022.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento vai para minha orientadora por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa pelo incentivo e pela dedicação ao meu projeto de pesquisa, assim como à banca examinadora desde a qualificação apontaram questões essências no que tange a metodologia, bibliografias e escrita científica para êxito desta dissertação. Agradeço igualmente aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina. A construção desta dissertação foi realizada também com base nos trabalhos propostos pelas disciplinas durante o mestrado e se tornaram primordiais para a construção desta dissertação, pois muitos dos questionamentos surgiam conforme eram sendo solicitados o que em muito ajudou a desenvolver a presente pesquisa.

Aos meus pais Claudina e Ivo, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória, assim como meus irmãos e seus companheiros. As conversas e trocas que tivemos durante este processo foi muito importante para todo este caminho.

Faço um agradecimento especial para aqueles que me abriram as portas ao mundo de Cleber Teixeira, primeiramente à Maria Elisabeth de Quadros Pereira Rego, proprietária e curadora do patrimônio material e imaterial desse editor artesanal, bibliófilo e poeta, pois foi sempre muito prestativa e solícita. Às professoras Gleisy Regina Bóries Fachin e Araci Isaltina de Andrade Hillesheim que foram as coordenadoras do projeto de extensão “Organização e preservação de acervos: Editora Noa Noa”. E tantos outros colegas do projeto que atuaram nos diferentes projetos que a Biblioteca de Cleber Teixeira. Muitas das informações que estão neste escrito foram relatadas por esse conjunto de pessoas, que aqui não eu conseguia lembrar de todas, mas que se tornaram imprescindíveis para que eu conseguisse obter as informações que precisava em tempo hábil.

Quase toda esta pesquisa foi realizada de forma remota, antes de que se pudesse ir presencialmente à biblioteca, portanto foram imprescindíveis as pesquisas e trabalhos que foram feitos na Biblioteca de Cleber Teixeira anteriormente. Percebemos que temos visto cada vez mais estudos sobre este lugar, e esperamos que o mais breve possível a biblioteca esteja aberta e disponível a todos os interessados neste vasto acervo.

“O mundo é um livro. A cada passo que damos abre-nos uma nova página.” (LAMARTINE)

RESUMO

O presente estudo analisou uma parte da coleção da Biblioteca Cleber Teixeira, denominada “Livros Sobre Livros”, em um diálogo com o campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. O foco do estudo foi descrever uma parte da coleção da Biblioteca Cleber Teixeira, a fim de conhecer a relevância dos assuntos/temas e editoras publicadoras desta coleção de livros, e quais podem ter auxiliado Cleber Teixeira em seu ofício de tipógrafo, reverberado nas suas práticas de produção artesanal na Editora Noa Noa. A pesquisa foi realizada com pressupostos epistemológicos, pensados por autores da Ciência da Informação, como Le Coadic e Araújo, para refletir sobre Informação e Memória; além de apoiar-se na abordagem da História Cultural, com autores como Roger Chartier, e Robert Darnton, acerca da história do livro. Para além desta escolha teórica, procurou-se autores que discutem editoras artesanais, pautando-se no pressuposto de que editoras como a Noa Noa se constituem como lugares de memória gráfica e cultural catarinense e brasileira. Metodologicamente, trata-se de um estudo bibliográfico, documental, de caráter exploratório, auxiliado por ferramentas estatísticas e complementado por informações dos sites das editoras identificadas nas obras da seção de “Livros Sobre Livros” da biblioteca em questão. Os dados mostraram a recorrência dos seguintes temas nesta seção de livros: artes gráficas, tipografia, história de editoras e livrarias, além de identificar os editores que são cruciais na história da tipografia brasileira. No tocante às casas publicadoras das obras dessa seção, as mais recorrentes foram: Ateliê Editorial, Cosac Naify, EdUSP, Gustavo Gili, Nova Fronteira e Edições Rosari. Como complemento deste estudo, foram pesquisados os sites dessas editoras, observando suas áreas de interesse, o que tornou visível perceber a recorrência dos temas acerca de tipografia e de memória gráfica. Para o produto deste mestrado profissional, optou-se pela produção de um repertório bibliográfico da seção de “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira, com o objetivo de organizar e dispor os assuntos e conteúdo dos livros em forma de resumos informativos, organizados por editora e dos autores de cada obra. Deste modo, podemos inferir que os achados dessa investigação são um ponto positivo para a construção e preservação da memória gráfica, por preservar uma coleção que se dedica à história da tipografia e impressão brasileira.

Palavras-chave: História do livro – editoras. Editoras artesanais. Lugares de memória – Editora Noa Noa (Florianópolis/SC). Bibliófilos. Repertório bibliográfico.

ABSTRACT

The present study analyzed a part of the collection of Cleber Teixeira Library, called "Books About Books", in a dialogue with the field of Librarianship and Information Science. The focus of the study was to describe a part of the collection of Cleber Teixeira Library, in order to know the relevance of the subjects/themes and publishers that published this collection of books, and which ones may have helped Cleber Teixeira in his profession as a typographer, reverberating in his practices of artisanal production at Editora Noa Noa. This research was realized with epistemological assumptions, thought by Information Science authors, such as Le Coadic and Araújo, to reflect on Information and Memory; also relying on the Cultural History approach, with authors such as Roger Chartier and Robert Darnton, about the history of books. In addition to this theoretical choice, authors who discuss artisanal publishers were sought, based on the assumption that publishers such as Noa Noa constitute places of graphic and cultural memory in Santa Catarina and Brazil. Methodologically, it is a bibliographic, documentary, exploratory study, aided by statistical tools and complemented by information from publisher's websites identified in the section "Books About Books" of the library in question. The data showed the recurrence of the following themes in this book section: graphic arts, typography, history of publishing houses and bookstores, in addition to identifying the publishers that are crucial in the history of Brazilian typography. Regarding the publishing houses in this section, the most recurrent were: Ateliê Editorial, Cosac Naify, EdUSP, Gustavo Gili, Nova Fronteira and Edições Rosari. As a complement to this study, the websites of these publishers were researched, observing their areas of interest, which made it visible to perceive the recurrence of themes about typography and graphic memory. For the product of this professional master's degree, it was decided to produce a bibliographic repertoire of the section "Books About Books" in Cleber Teixeira Library, with the objective of organizing and arranging the subjects and contents of this books in the form of informative summaries, organized by publisher and authors of each book. Thus, we can infer that the findings of this investigation are a positive point for the construction and preservation of graphic memory, as it preserves a collection dedicated to the history of Brazilian typography and printing.

Keywords: History of books – publishers. Artisanal publishers. Places of memory – Editora Noa Noa (Florianópolis/SC). Bibliophiles. Bibliographic repertoire.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Editoras estudadas por assuntos da seção “Livros Sobre Livros”.....41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Predominância de assuntos da seção “Livros Sobre Livros” 39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 UM CENÁRIO DE ESTUDOS E CONCEITOS.....	22
2.1 ESPAÇOS DE MEMÓRIA CULTURAL.....	22
2.2 MEMÓRIAS DO FAZER DOS LIVROS	25
2.3 AS BIBLIOTECAS PARTICULARES DOS BIBLIÓFILOS.....	32
3 CLEBER TEIXEIRA: UM AMANTE DOS LIVROS NA VERSÃO EDITOR, BIBLIÓFILO E POETA	35
3.1 A BIBLIOTECA DE CLEBER TEIXEIRA	37
3.2 TEMAS DA SEÇÃO “LIVROS SOBRE LIVROS” E INDÍCIOS DAS PRÁTICAS EDITORIAIS DE CLEBER TEIXEIRA	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	62
APÊNDICE A – Sistema Axiológico da Bibliofilia da seção “Livros Sobre Livros”	63
APÊNDICE B – Obras da seção “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira ..	72
APÊNDICE C – Produto do Mestrado Profissional: Repertório Bibliográfico: A seção “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira.....	75

1 INTRODUÇÃO

Os acervos bibliográficos ocupam um papel determinante na construção da memória de uma sociedade, pois são neles que se encontram e se traduzem diversos conhecimentos que a civilização humana julgou importante - nos diferentes tempos e lugares - o seu registro. Pode-se afirmar que estes mesmos objetos são construídos como documentos históricos determinantes para o reconhecimento da memória, já que muitas culturas são mantidas vivas a partir deles, e permitindo que sejam lembradas e passadas as gerações futuras.

A História, enquanto disciplina e campo de estudos, tem como um de seus pressupostos a necessidade de registrar e preservar os artefatos que foram usados pela humanidade ao longo dos anos, quer no Ocidente ou no Oriente. No entanto, ocorre que, muitas vezes, essa preservação é colocada em segundo plano, como no caso do Brasil, pois se percebe o descaso com que o assunto “patrimônio” é tratado. Como exemplo disso, o incêndio que destruiu quase que por completo o Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 2018, um dos maiores museus de história natural do Brasil. O local tinha mais de 20 milhões de itens, dentre os quais fósseis, múmias, peças indígenas e livros raros.

Além desse exemplo emblemático recente, ainda é importante destacar que ocorreram vários destes incidentes com outros tantos acervos ao longo da nossa história, seja por negligências ou por outros motivos, muitas vezes sendo apenas mais um assunto jogado para baixo do tapete, que não recebe a importância que deveria. Por conta de episódios assim que, mais do que nunca, os espaços que guardam memórias precisam do destaque que merecem para serem valorizados pela sociedade. O que se esquece é que muitos deles servem para recontar a história da cultura de cada povo, e sem estes espaços as mais variadas culturas poderiam, até mesmo, terem deixado de existir. Os “lugares de memória”¹ são, portanto, imprescindíveis para se compreender a história da humanidade, e suas constituições vão além de um instrumento de preservação, mas se institui como um espaço de valorização cultural.

Por todas as histórias que os lugares de memória abrigam - que são essenciais para se recordar, lembrar o passado - é que precisam ser conservados e preservados de forma consciente, pela sua importância histórica, cultural e política, sem esquecer o valor econômico-social abarcado. Estes lugares podem agregar muito no impacto que têm para as pessoas de cada comunidade, no sentido de que pode formar sensibilidades em relação ao tratamento e respeito que estes espaços culturais merecem. Mas esta consciência geralmente é

¹O conceito “lugares de memória”, segundo Pierre Nora, é discutido na segunda seção deste texto.

posta de lado, por assumir um valor intangível, algo difícil ou que se julga desnecessário. Entretanto, em nosso entendimento, ela é primordial, até mesmo para que as pessoas consigam assimilar os documentos que estão contidos nesses acervos como pertencentes à história delas próprias, e que tornem estes espaços como ambientes de sociabilidades que são.

Com este preâmbulo, a presente pesquisa se vale dos conceitos de Memória e Informação, que teve como apoio as noções da História Cultural. No percurso dos estudos do mestrado, fui apresentada a este campo² que constitui uma nova abordagem da História. No contexto dos estudos da História Cultural, é possível investigar diferentes objetos, como a escrita e a publicação de textos, entre outros tantos temas que permitem reconstruir a História para tentar alcançar uma percepção dos indivíduos no seu tempo, dos valores, aspirações, modelos, ambições e temores. (PESAVENTO, 2003).

Ao estudar os caminhos percorridos pelo artefato livro como objeto-sociocultural, todos os seus aspectos devem ser levados em consideração, desde a sua concepção até a construção de memórias enquanto formação da coleção de quem os possuía. Por outro lado, nos valemos também do campo da Ciência da Informação para partirmos da perspectiva da memória em que, para Araújo (2017, p. 23), a “Informação é entendida como o processo a partir do qual indivíduos valorizam determinados registros e, nesse processo, participam do processo de construção da memória, portanto da cultura e do real.” Esta ideia é necessária para traçarmos uma ponte entre informação e memória ao estudarmos documentos como monumentos e pertencentes aos lugares de memória.

A História do Livro na condição de disciplina - quer na área da Biblioteconomia, ou na própria História - criou um campo de estudos chamado bibliofilia. Muitos dos estudos que encontramos neste campo eram sobre coleções de bibliófilos, editoras e editores, e tipos gráficos utilizados na publicação de revistas ou jornais. Esta é uma área da qual outros cursos como a Comunicação, o Design Gráfico e demais profissionais do mercado editorial que se ocupam desses objetos quer sejam compreendidos como culturais e/ou econômicos.

Na revisão bibliográfica realizada nas bases de dados no campo da Ciência da Informação para esta pesquisa, observou-se que são mais raros os trabalhos que buscaram refletir sobre história editorial, tipografia e memória gráfica dentro das coleções de livros.

² Pierre Bourdieu segundo (Araújo, Alves e Cruz, 2009. p. 3): “O campo pode ser considerado tanto um ‘campo de forças’, pois constrange os agentes nele inseridos, quanto um ‘campo de lutas’, no qual os agentes atuam conforme suas posições, mantendo ou modificando sua estrutura (BOURDIEU, 1996). O campo científico é, desta maneira, um espaço em que pesquisadores disputam o monopólio da competência científica, cujo funcionamento pode ser comparado a um jogo, onde os princípios do funcionamento são dominados por seus participantes”.

Esta falta pode ser tomada como uma lacuna nos estudos da Ciência da Informação que - ao que parece - supriu o tema da História do Livro, se esquecendo que os livros possuem dupla função, isto é, da informação enquanto registrada e o modo como estes foram impressos.

É preciso dizer que existem algumas pesquisas acerca da tipografia, ou da forma de impressão de revistas e jornais, tanto em trabalhos da Biblioteconomia quanto na Ciência da Informação, mas os livros, no entanto, parecem que foram tratados apenas com uma visão mais técnica. Portanto, podemos afirmar que existe esta falta no que se refere a traçar as memórias destes objetos culturais, dos locais em que foram impressos do Brasil, e os estudos que o fazem, em nosso entendimento são tímidos com relação a sua importância.

Deste modo, esta pesquisa contextualiza a necessidade e o esforço na construção do registro das memórias da coleção de livros da Biblioteca Cleber Teixeira, que incorpora também os livros da Editora Noa Noa, uma editora artesanal. Neste cenário, parte-se da perspectiva do livro como forma física e de seu conteúdo informacional, ao trazer a história dos acervos que os guarda e do potencial das suas características de informação. No próximo parágrafo, apresenta-se a pergunta de pesquisa, os respectivos objetivos e razões inerentes ao estudo em tela.

As informações que seguem foram acessadas e organizadas a partir do próprio site da Editora Noa Noa, que foi criada por Cleber Teixeira (1938-2013), editor-poeta e tipógrafo desta editora, e residente de Florianópolis desde 1977. Inicialmente, a editora funcionou no centro da cidade, mas em 1986 foi transferida para o subsolo de sua residência, na Rua Visconde de Taunay, Bairro Agronômica, onde se encontra até os dias de hoje. Desde sempre, a casa de Cleber Teixeira foi um espaço aberto para receber amigos, artistas e interessados em literatura, artes visuais, em particular artes gráficas, tipografia e outras manifestações culturais, e que hoje guarda todas essas lembranças.

O espaço da Biblioteca é formado pela produção gráfica da Editora Noa Noa, de toda a sua história, além dos materiais utilizados pelo tipógrafo Cleber Teixeira na elaboração destes 66 livros literários, cartazes e impressos curtos, que eram de sua autoria e de outros autores brasileiros e estrangeiros. Cleber Teixeira deixou um importante legado pela sua abrangente obra cultural, portanto, há mais do que uma mera preocupação em preservar os livros editados pela Noa Noa, além do maquinário e demais peças significativas para o próprio editor que agora são parte da ambientação da Biblioteca Cleber Teixeira. Agora este é um local de suas memórias, que preserva também a memória de uma das editoras artesanais brasileiras, mas Cleber Teixeira também era um leitor ávido, por isso possuía uma vasta coleção de livros em sua casa.

No mesmo local em que era antigamente a editora de livros de Cleber Teixeira, também é o espaço em que se encontra a sua biblioteca particular, pois o editor adquiriu e preservou durante uma vida inteira, que são quase 8.000 exemplares. A ideia da construção da biblioteca partiu do próprio, que sempre desejou compartilhar seu conhecimento com a disponibilização de seu acervo para consulta de pesquisadores, estudantes e amantes da leitura. A seção de “Livros Sobre Livros” da Biblioteca de Cleber Teixeira foi a escolhida para este estudo pela peculiaridade destes livros, que se destinam principalmente, a história da impressão de livros, e por ser uma coleção que pertenceu a um editor de livros, mais do que apenas um bibliófilo Cleber sabia onde e o que estava buscando nos livros que comprava. Além deste espaço ter muitos elementos que podem contar a história da impressão de livros, o próprio Cleber Teixeira procurava livros que o ajudassem no seu fazer de tipógrafo, assim queremos estudar uma de suas coleções, que poderiam ser materiais determinantes para as produções de toda a sua vida.

A pergunta norteadora desta pesquisa consiste em: quais os principais livros da seção de “Livros Sobre Livros” - que constituem uma parte da Biblioteca Cleber Teixeira - podem ter contribuído para práticas dos trabalhos desse editor artesanal? Pautados nos estudos do campo da História do Livro, com uma abordagem na História Cultural, e guiados por esta questão de pesquisa, tem-se como o objetivo geral da investigação cotejar os principais livros da seção de “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira que podem revelar indícios de práticas editoriais do editor artesanal Cleber Teixeira. Nesta direção, definem-se como objetivos específicos deste estudo:

- a. Identificar os temas dos livros da seção de “Livros Sobre Livros”, uma parte da biblioteca de Cleber Teixeira;
- b. Conhecer as editoras dos principais temas da seção pesquisada, observando em seus sites se abordam temas semelhantes aos da Biblioteca Cleber Teixeira;
- c. Compreender os livros identificados deste *corpus* bibliográfico da seção de “Livros Sobre Livros” como parte de uma memória das práticas do editor artesanal Cleber Teixeira em tela;
- d. Elaborar um repertório bibliográfico com a descrição dos livros, resultante do estudo do *corpus* bibliográfico dos principais temas, como indício(s) das práticas editoriais de Cleber Teixeira, e da seção de “Livros Sobre Livros” como um lugar de memória deste editor.

A pergunta e objetivos apresentados permitem, de certo modo, trazer elementos que justificam esta pesquisa no âmbito teórico, social e pessoal da proponente deste estudo. O início da razão pessoal desse estudo foi que, em 2017, como estudante do curso de Biblioteconomia, tive a oportunidade de participar do projeto de extensão “Organização e preservação de acervos: Editora Noa Noa”, coordenado pelas professoras Gleisy Regina Bóries Fachin e Araci Isaltina de Andrade Hillesheim, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo do projeto era tratar e organizar a Biblioteca Cleber Teixeira, que contava na época com o apoio de professores, estudantes e estagiários dos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia da UFSC para este intuito.

O fato de já conhecer e ter atuado neste Projeto de Extensão moveu esta pesquisadora para auxiliar a promover os conhecimentos sobre a Biblioteca Cleber Teixeira como espaço relevante para a memória deste local. Este foi um espaço muito importante para minha formação, e pude perceber que era quase que esquecido por sua peculiaridade: por muito tempo, as ações e alimentação do acervo eram feitas exclusivamente por projetos de universidades, e que, muitas vezes, eram poucos que sabiam da sua existência. Outros projetos foram realizados além deste que incentiva a divulgação do local, são eles os do Centro de Artes (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), “O acervo da editora Noa Noa e a tipografia em foco”, e o mais recente é o programa de extensão “Entre Livros, Tipos e Desenho: interlocuções da cultura gráfica”, que está em sua segunda edição.

A primeira vez que havia percebido as questões que dizem respeito ao conceito “lugares de memória”, do modo intitulado por Pierre Nora (1993) foi na disciplina de Formação de Desenvolvimento de Coleções, no Curso de Graduação em Biblioteconomia, da UFSC, no ano de 2018. A partir das temáticas estudadas foi possível me aproximar das questões de memória(s) como categoria teórica e aprofundar questionamentos, que resultaram na escolha do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido em 2019, sob o título “Biblioteca Pública como lugar de memória e identidade cultural”, sob a orientação da professora Ana Claudia Perpétuo de Oliveira.

Em paralelo à narrativa inicial, após esta pesquisadora em formação ter sido selecionada para participar do projeto da Editora Noa Noa, e a partir da produção do relatório das atividades desenvolvidas neste projeto, aliado ao estudo do tema de TCC, percebeu-se que esta é uma discussão válida e pouco difundida, tanto nos estudos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação quanto em nossa sociedade. Afirmo isto, pois tive pouco contato com estes temas, eram raras as disciplinas que traziam esta preocupação, que, de certo modo,

intensificaram o interesse em tornar visível os ditos lugares de memória e as discussões acerca do patrimônio cultural.

Participar do projeto citado acima foi importante para a minha formação profissional, de modo que possibilitou se conhecer a realidade das editoras artesanais, lugares tão pouco percebidos ou desconhecidos por muitos, até mesmo por pesquisadores da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Neste cenário, surge o desejo de avançar os estudos em nível de Pós-Graduação, especificamente no mestrado profissional e proponho como estudo a seção de “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira.

Pautada na preocupação de não deixar se apagar a história dos lugares é que esta pesquisa se julga relevante, ainda mais quando se refere ao tema da memória das editoras artesanais, pois este é um assunto invisibilizado pelas discussões acerca dos “lugares de memória”, ou pelo próprio contexto das editoras artesanais. Muitas vezes, estas editoras podem ser lidas como arcaicas e sem muita importância nos dias de hoje, o que muitos não sabem, é que elas foram as pioneiras na impressão de livros em nosso país, e contrariavam o modo tradicional do fazer dos livros, criando suas próprias identidades. Estes seriam os principais motivos para a pesquisa, assim como a importância de tornar visível os lugares de memória, como a Biblioteca de Cleber Teixeira.

Na tentativa de melhor compreender as coleções e a memória deixada pelos editores e suas editoras artesanais, foram consultadas algumas bases de dados, sites de algumas editoras e o próprio site da Editora Noa Noa, dada a concepção da pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é “[...] aquela baseada na análise da literatura já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas, imprensa escrita e até [...] disponibilizada na Internet.” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 38). Nesta direção, as bases de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD-IBICT), da Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), são aquelas que compõem uma primeira visão dos estudos que interessam ao objeto de pesquisa aqui apresentado.

Ao acessar a base BRAPCI, foi usada a estratégia de busca com uma palavra-chave, “BIBLIOFILIA”, que recuperou 16 artigos, em 06 de janeiro de 2022. Deste total de artigos, um revelou-se muito importante para esta pesquisa, o de título “Biblio filia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade”, de Diná Marques Pereira Araújo, Alcenir Soares dos Reis, Fabrício José Nascimento Silveira, publicado na Revista Informação & Informação em 2018.

A mesma estratégia de busca foi adotada para realizar o levantamento bibliográfico na base de dados BDTD-IBICT, com a palavra-chave “BIBLIOFILIA”, que recuperou 14

documentos, dentre eles um de Adelma Ferreira de Araújo, publicado em 2017, com o título “Rubens Borba de Moraes e José Mindlin: bibliofilia como patrimônio informacional”. Esta autora possui muitos trabalhos sobre a temática da bibliofilia. Para analisarmos os livros da biblioteca que escolhemos para a pesquisa será usado um sistema que a própria autora indica em vários de seus trabalhos.

Após identificar e analisar estes resultados das bases de dados bibliográficas, pesquisadas através do termo “Bibliofilia”, revelaram-se poucas as publicações cujo foco se estava buscando, pois muitos eram estudos que apenas faziam apanhados de outros estudos, com conceitos bem específicos de cada coleção, e alguns focavam em questões técnicas dos acervos, apenas.

Além dos estudos aqui mencionados, foram realizadas outras pesquisas acerca da temática da memória das editoras artesanais e de seus editores, constatamos que a maioria destes editores possuía sua biblioteca, eram bibliófilos, e que poderiam possuir acervos com uma grande quantidade de temáticas que poderiam ser estudadas. Verificou-se por esta pesquisa de mestrado que são poucos os estudos acerca das memórias contidas nos livros, além disso, o tema da bibliofilia parece teria surgido recentemente em trabalhos na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, pois percebeu-se que muitos estudos foram realizados a pouco tempo, na última década principalmente.

Um destes estudos identificados na BRAPCI de Verri e Rodrigues (2018), que teve como objetivo analisar a dimensão informativa de uma coleção de livros de uma livraria, com livros especializados em religião, e em como se deu o processo de conversão dessas obras de irrelevantes para objetos representativos do patrimônio cultural de Pernambuco. Esta pesquisa foi realizada a partir da abordagem epistemológica de autores da Ciência da Informação, como Le Coadic e Buckland, para refletir sobre Informação e Memória, e do apoio na História Cultural, por meio das noções de práticas e representações conceituadas por Roger Chartier.

As autoras Verri e Rodrigues (2018, p. 6123) discutem um histórico e fronteiras entre a Ciência da Informação e a História do Livro, que, em sua visão, foram estreitas até metade do século XX, entretanto “as mudanças promovidas pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação impactaram de modos distintos as diversas áreas das ciências humanas, o que acabou gerando distanciamento entre as disciplinas.”

Outro estudo que trata da perspectiva da História Cultural, teoricamente, na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, é o artigo de Araújo, Soares e Silveira (2018), que apresenta os resultados de uma pesquisa que analisou as relações instituídas entre a bibliofilia e o livro raro. Assim, os autores visaram a identificar de que modo os discursos

sobre a raridade advindos da biblio filia são incorporados pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação, como norteadores para a elaboração do conceito de livro raro.

O mesmo tema é tratado na dissertação de Adelma Ferreira de Araújo, que revela a aplicação de pressupostos teóricos da Biblioteconomia nas respectivas coleções dos acervos de Rubens Borba de Moraes e de José Mindlin, para, assim, haver uma interlocução da Ciência da Informação com a biblio filia. Por meio desta pesquisa, é possível verificar como os bibliófilos do estudo podem ser identificados como atores da produção do conhecimento, indo além do acúmulo e recuperação de documentos, mas possuindo grande papel social para a informação que trazem. A autora tem um posicionamento neste estudo que deveria ser uma prática comum em todos, em disponibilizar ao público os acervos desenvolvidos durante anos pelos bibliófilos a fim de torná-los acessíveis e pensar na biblio filia como patrimônio informacional, além de tornarem úteis todo tipo de coleção, em oposição a práticas de fragmentação ou desuso das coleções.

Este esforço inicial em descrever os resultados da pesquisa bibliográfica teve como objetivo contextualizar o tema da biblio filia, com foco no estudo de uma das seções da Biblioteca Cleber Teixeira, partindo da perspectiva de interação do livro em todas as suas subjetividades. Dito isto, passaremos a apresentar a metodologia adotada, a aproximação do objeto de estudo e a coleta de dados para o presente texto. Os caminhos percorridos para o alcance da resposta da principal questão desta pesquisa foram sendo traçados por meio de um estudo exploratório e qualitativo, auxiliados por ferramentas do campo da estatística.

Estudamos sob à luz da abordagem da História Cultural, com vistas a analisar uma parte da coleção da Biblioteca Cleber Teixeira, reunidas pela denominação seção de “Livros Sobre Livros”, em um diálogo com o campo da Biblioteconomia. Este campo de estudos possibilita buscar respostas para várias perguntas, indo além das relações que se pode observar em uma vasta coleção de livros ao compreender as coletâneas dos editores artesanais como lugar de memória e de estudos em que expressam o livro, assim como suas instituições.

Ao encontro destas aproximações, efetuamos uma pesquisa exploratória que para Gil (2002, p. 41) “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...].” Esta pesquisa pretendeu observar e descrever os resultados encontrados, com o objetivo de contextualizar a necessidade de construir uma memória a partir da seção de “Livros Sobre Livros” constituída e abrigada pela Biblioteca Cleber Teixeira. Partimos de uma perspectiva da interação do livro pelo seu conteúdo informacional, pois cada livro possui uma história que vai além daquela que está implícita em suas páginas, e existem muitas outras memórias que ultrapassam seus próprios processos.

Para além da pesquisa bibliográfica que se adotou, também foram utilizados procedimentos da pesquisa documental, tendo em vista as características que se baseiam em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico (PRODANOV; FREITAS, 2013). Queremos entender as características de uma seção de uma biblioteca particular, mas abordando cada livro de forma individual. Após saber quais as perguntas a serem respondidas, visitei a editora para fazer as fotos que precisava para a pesquisa e conversar com a Maria Elisabeth, curadora do acervo. Todos os livros desta análise foram fotografados, suas capas, contracapas, dedicatórias, orelhas e onde tivesse algum resumo do livro, como os sumários.

A escrita desse texto é o resultado das leituras, reflexões e discussões de ideias, que realizamos a partir das disciplinas do Curso de Mestrado Profissional, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Nesta direção, é salutar informar que uma destas disciplinas, a de Estatística, foi determinante para o início desta pesquisa, pois, a partir de trabalhos feitos para ela, realizou-se uma busca no sistema da Biblioteca Cleber Teixeira, na seção de “Livros Sobre Livros”. A Biblioteca Cleber Teixeira utiliza o software BIBLIVRE e a busca neste sistema realizada com a palavra-chave “Livros Sobre Livros, esta busca foi efetuada em novembro de 2020, sendo organizadas as informações em uma tabela de Excel e tratadas quantitativamente com auxílio de ferramentas estatísticas, com cálculos de porcentagem.

No caso da Biblioteconomia, existem algumas leis específicas que a Bibliometria possui para efetuar estes estudos, uma delas, que foi pertinente para esta pesquisa, é a Lei de Zipf. A lei serve para medir as palavras-chave que são mais frequentes nesta coleção e as temáticas que foram mais recorrentes, e permite estimar as frequências de ocorrência das palavras, verificadas pela “[...] concentração de termos de indexação, ou palavras-chave, que um pequeno grupo de palavras ocorre muitas vezes e um grande número de palavras é de pequena frequência de ocorrência.” (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p. 4).

Para compreendermos esta seção de livros e seguirmos com nosso foco de pesquisa, o primeiro passo foi identificar os temas que foram mais recorrentes na seção “Livros Sobre Livros”. Observamos por estes dados tanto os assuntos que foram verificados nesta seção quanto as editoras que mais apareciam. Utilizamos apenas as ferramentas de estatística para calcularmos a quantidade de vezes que os assuntos e as editoras apareciam, portanto, as palavras-chave mencionadas neste estudo foram diretamente retiradas do próprio sistema da Biblioteca que está no site da Editora Noa Noa. Sendo assim, apenas observamos os resultados tanto destas palavras-chave, e posteriormente, filtramos por cada editora, para investigarmos qual editora publicava mais sobre quais assuntos. Após análise dos resultados

que foram obtidos por estes assuntos, fizemos um recorte com base nas editoras que mais apareciam, assim foi possível conhecer as editoras dos principais temas desta seção.

Além da utilização destas ferramentas quantitativas, foi proposto um quadro discutido pelo artigo de Diná Marques Pereira Araújo, Alcenir Soares dos Reis e Fabrício José Nascimento da Silveira, de 2018, “*Biblio filia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade*”, um dos principais estudos da área de Biblio filia. Apresentaremos as características qualitativas associadas a cada um dos livros que foram pesquisados como elementos deste repertório, e, com isso, queremos propor este sistema axiológico para ser adotado por todas as obras da biblioteca. Para a construção deste, utilizamos as mesmas definições que os autores já mencionados, (Araújo; Reis; Silveira, 2018), que propõem os seguintes requisitos:

1. Materialidade (*corpus*): nessa categoria, incluem-se as materialidades das artes gráficas, as características tipográficas, a ornamentação, a encadernação, a decoração e as edições especiais por suas características físicas;
2. Escassez: incluem-se nesse elemento os documentos dos quais se conhecem poucos exemplares;
3. Proveniência: as inscrições adquiridas ao longo do tempo terão valor na qualificação da singularidade;
4. Discurso (alma): refere-se à relevância atribuída à recepção do texto e a importância nos campos do conhecimento.

O quadro discutido pelos autores mencionados acima, e que está no Apêndice A – Sistema axiológico da Biblio filia da seção de “Livros sobre Livros”, foi uma ferramenta auxiliar para a confecção do repertório bibliográfico, que é o produto deste Mestrado Profissional. Por meio deste sistema que fizemos a análise dos livros, os quais sugerimos que podem ter sido utilizados por Cleber Teixeira, para seu ofício de tipógrafo, assim após listarmos as características de cada livro que foram recuperados pela pesquisa mencionada acima. Após estudar sobre o que cada livro trazia como foco, foram pesquisados mais a fundo aqueles que eram sobre técnicas específicas adotada para impressão de livros, outros que falavam de serifas, e a maioria deles tratavam de alguma especificidade da tipografia.

Almejamos compreender como os livros desta seção podem ter auxiliado Cleber Teixeira em seu ofício de tipógrafo, e reverberado em suas práticas de produção artesanal na Editora Noa Noa. Acreditamos que conhecer o desenvolvimento do acervo, em especial pela “Livros Sobre Livros”, seja um passo para compreender quais razões levaram Cleber Teixeira a adquirir cada um dos títulos que constituem a seção.

O exposto acima permite apresentar ao leitor o início desta investigação, a pergunta de pesquisa, os respectivos objetivos e as razões inerentes ao estudo. Apresentaremos, a seguir, a estrutura desta dissertação, organizada em cinco seções. A primeira, apresentada como a “Introdução” deste estudo, é seguida pelas reflexões de “Um cenário de estudos e conceitos”, onde são discutidos os conceitos de “Espaços de memória cultural”, além diferenciar os acervos das coleções. Após esta explanação, foi construída uma espécie de “A memória do fazer dos livros”, na mesma seção, para relatarmos como foram construídas algumas das diferenciações dos impressos durante a história. Ao pensar nesta memória dos livros dos editores que formaram suas coleções, que são estudadas para fechar a discussão desta seção e conceituar a construção particular de uma biblioteca para falar da biblioteca de um editor artesanal, em “As bibliotecas particulares dos bibliófilos”.

Na terceira seção deste trabalho, chegamos ao foco desta dissertação. Trazemos um pouco da história do editor e de sua biblioteca em “Cleber Teixeira: um amante dos livros na versão editor, bibliófilo e poeta”, para, então, mostrar como estão organizados os espaços em “A Biblioteca Cleber Teixeira” e tratar de descrever a seção “Livros Sobre Livros”, que é o foco desta pesquisa. Nesta mesma seção 3, tem-se como objetivo focar nos temas tratados por esta seção de livros, assim como se estes livros foram utilizados para produção de livros artesanais, em “Temas da Seção ‘Livros Sobre Livros’ e indícios das práticas editoriais de Cleber Teixeira”. A quarta seção é destinada a relatar como foi a elaboração do “Repertório bibliográfico da seção de ‘Livros Sobre Livros’ da Biblioteca Cleber Teixeira”, e a quinta e última seção contém as “Considerações finais”.

O leitor poderá constatar, por fim, os conteúdos pós-textuais, as referências que são citadas ao longo dessa dissertação e conferir os três apêndices que foram elaborados, um especial destaque para o Apêndice C – Repertório Bibliográfico - A seção “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira, produto final preconizado para os mestrados profissionais no Brasil.

2 UM CENÁRIO DE ESTUDOS E CONCEITOS

A partir dos estudos proporcionados e recuperadas na pesquisa bibliográfica já citada, os tópicos que seguem pretendem esclarecer teoricamente os espaços de memória cultural, entender os livros destes lugares como memória, assim como a história dos livros que as editoras artesanais possuem, além de conceituar a construção particular de uma biblioteca para falar da biblioteca de um editor artesanal. Seguem os conceitos que utilizamos para se alcançar a resposta da principal questão da pesquisa.

2.1 ESPAÇOS DE MEMÓRIA CULTURAL

Algumas instituições podem representar ou contar a história de um determinado lugar, de uma pessoa e/ou das próprias instituições - um acervo, geralmente, teria um desses intuitos. Muitas destas instituições podem simbolizar acontecimentos que foram importantes para nossa sociedade, e seus documentos podem revelar a história dos próprios lugares em que estão localizados. Com esta visão, muitos espaços poderiam ser considerados acervos, a serem chamados de “lugares de memória”, mas, em se falando de instituições, aquelas feitas para se guardar a história dos documentos e das pessoas, são, principalmente, os museus, os arquivos e as bibliotecas.

Estes são os chamados “lugares de memória”, termo criado por Pierre Nora (1993), que define lugares de memória como aqueles que nos contam como foi o passado, esta “reconstrução problemática e incompleta do que não é mais”. Os lugares de memória, de acordo com o autor, nascem da necessidade de manter a lembrança, justamente para que a história não a apague, como uma necessidade contínua para não se esquecer.

Os lugares de memória são essa história viva, um passado presente, e algumas instituições teriam o dever de simbolizar outros tempos, pois são lugares com efeito material, simbólico e funcional. Por isso, estes lugares são tão necessários, uma vez que fazem recordar acontecimentos que a sociedade pode esquecer ou ignorar como parte da história de cada lugar, que são

[...] eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou história, ao contrário. Mas o que faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. (NORA, 1993, p. 27).

No raciocínio de Nora, são os espaços em que a memória se fixou que serviriam como uma nova forma de apreender a memória que não nos é natural, possibilitando existir um sentimento de formação da identidade e de pertencimento. Muitos dos fatos históricos são relembrados pela sociedade, mesmo que ela não estivesse presente, pois são por estes lugares de memória que podemos reconhecer nosso passado, e são pelos artefatos que cada população das mais variadas culturas deixara para a posteridade que podemos estudar as memórias de cada povo. Estas instituições servem como fonte histórica de acontecimentos, tendo como intuito a reconstrução desse passado, e esta memória é importante para todas as culturas e sujeitos que são retratados por estes espaços. Além disso, são os seus agentes e as práticas do dia a dia que podem dar outros significados a estes lugares, pela experiência de oposição entre lugar e espaço, que Certeau (1998) nos remete como possibilidades de transformar lugares em espaços ou espaços em lugares:

Um lugar é a ordem (seja qual for), segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU, 1998, p. 201).

Ou seja, não existe estabilidade em um lugar, os espaços são lugares praticados, e as ações dos sujeitos são o que definem estes espaços; já os lugares estão estáticos, ou inertes. Enquanto equipamentos culturais e por serem espaços praticados - como os museus e arquivos -, as bibliotecas devem atender as demandas que suas localidades necessitem, além de auxiliar em informação e conhecimento para a comunidade a qual está inserida. Nesta direção, vale destacar que uma das leis fundamentais do campo da Biblioteconomia, instituídas pelo pensador Ranganathan, para a Biblioteconomia, é que uma biblioteca é um organismo em crescimento, portanto, deve ser um espaço que promova estas redefinições pelos seus atores e sem limitar-se a serviços e produtos que já possui, pois são espaços em constante transformação.

Além das bibliotecas oferecerem materiais bibliográficos aos seus usuários, elas precisam informar, pelos meios que dispõem, todas as informações que são pertinentes. Principalmente sobre aquilo que seu espaço possui, e de como se insere nesta comunidade, pois existem várias definições do que seria um acervo, ou uma coleção, como veremos a seguir. Antes, é preciso fazer distinções para falarmos com mais propriedade sobre "acervo" e "coleção". O primeiro não é obrigatoriamente um conjunto ordenado de coisas, e costuma designar um conjunto geral mais amplo, muitas vezes constituído de várias coleções;

enquanto o segundo implica coesão entre os itens que a compõem.

O conceito “acervo” nesta pesquisa é compreendido a partir do Dicionário do Livro (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 30) como sendo “[...] um conjunto de bens culturais que foram acumulados ao longo dos anos por herança ou tradição. Aquilo que faz parte de um patrimônio.” Segundo o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, elaborado por Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, “Acervo” é um “conjunto de documentos conservados para o atendimento das finalidades de uma biblioteca: informação, pesquisa, educação e recreação; fundo documentário, fundos de biblioteca.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 2).

Este mesmo dicionário conceitua “Coleção” como “[...] parte do acervo de uma biblioteca que é mantida em separado, em razão de seu formato físico, assunto, data de publicação ou outra característica.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 91). Portanto, para encerrarmos esta discussão sobre as diferenciações dos conceitos de acervo e coleção adotaremos o termo “Coleção” trazido pelo Dicionário do Livro (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 175), que define como “[...] reagrupamento voluntário de documentos, objetos, informações de diversas proveniências etc. Reunidos em função da semelhança de uma ou de várias das suas características, afinidades de assuntos, formato, época etc.”.

No sentido de compreender do que seria feita a informação, partimos do pressuposto que coleção, acervo e “lugares de memórias” se constituem da informação. Esse conceito aporta diversas discussões e diferentes paradigmas, essas mudanças podem ocorrer com o passar do tempo. Apoiada como o objeto de estudos da Ciência da Informação, a informação é um conhecimento “[...] inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual.” (LE COADIC, 1994, p. 5).

Além do próprio conceito de informação transformar-se, ocorre o mesmo com a configuração da Ciência da Informação como um campo do conhecimento, que, ao consolidar-se enquanto ciência, teve um afastamento do suporte físico ou digital que contém a informação, voltando-se para a análise do conteúdo dos documentos. Segundo Araújo (2017), este era o foco inicial, mas com o tempo e pelos novos paradigmas trazidos pela Ciência da Informação, acabou distanciando-se das práticas sociais, políticas, econômicas e culturais nas quais a informação é produzida.

Este fenômeno pode ser compreendido e aproximado com a história da Biblioteconomia, quando esta incorporou as reflexões e estudos vindos da Administração. Para Murguia (2009, p. 95), este foco privilegiou muito as chamadas bibliotecas empresariais, e as regras que estes ambientes proporcionavam acabaram se tornando “[...] a norma, dando

lugar para que as bibliotecas se tornassem lugares frios e impessoais. Isso significou para que o interesse da Biblioteconomia girasse quase que exclusivamente em torno das bibliotecas institucionais, negligenciando-se as bibliotecas particulares.” Ampliando o raciocínio a partir de Murguia, podemos afirmar que os estudos no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, somadas às práticas profissionais, colocaram em segundo plano a subjetividade inerente ao livro e às bibliotecas.

Murguia (2009) também lembra que em decorrência dessa influência, ainda que fossem alvos de estudos, as coleções bibliográficas das bibliotecas ganharam forma a-histórica, como se sempre tivessem existido dessa maneira, esquecendo-se suas origens e seus percursos. Mas para conceber os objetivos de uma biblioteca e a política de suas coleções, necessitamos saber como essas coleções se formaram, pois as dinâmicas que possuem é o que imprime estes objetivos e suas políticas. Vemos com isso que “[...] a Biblioteconomia se interessou em menor escala pela formação das coleções, sem perceber que é justamente o motivo que leva alguém a colecionar que, posteriormente, determinará os objetivos da coleção.” (MURGUIA, 2009, p. 95).

Após fazer esta diferenciação, vimos o que é discutido e o que se publica no campo da Biblioteconomia, ao estudar o modo de como as coleções foram formadas. Essas pesquisas também abordam o tema sobre os bibliófilos, um assunto que foi diversas vezes recuperado em bases de pesquisa, mesmo quando procuramos por editores artesanais. Ainda assim, em nossa opinião, poderiam existir muito mais estudos sobre este tema. Além do mais, como esta pesquisa trata de uma biblioteca pessoal, há mais estudos sobre a questão do colecionismo do que da própria bibliofilia, esta última fazendo parte dos estudos da Biblioteconomia.

2.2 MEMÓRIAS DO FAZER DOS LIVROS

Ao longo de sua história, a humanidade, muitas vezes teve a necessidade de registrar seus conhecimentos, no intuito de ter documentos de comprovação das ações, o que também serviu para uma posterior preservação destes, ao guardar os artefatos que foram utilizados. A própria invenção da imprensa proporcionou uma difusão dos impressos, o que teve extrema importância para a história da humanidade, pois é possível refazer seus passos a partir destes documentos de cada época. Mas houve um longo percurso para que fosse possível criar esta produção, viabilizá-la posteriormente, possibilitar a todo indivíduo o acesso às informações, para que, então, ocorresse a difusão do conhecimento. É incontestável que a invenção de Gutenberg, que tornou os tipos móveis mais resistentes, foi primordial para criar esta

possibilidade da impressão em larga escala.

Este modo de impressão tornava mais prática a fabricação dos livros para a época - em que se copiava livros à mão, o que demandava muito mais tempo e esforço de quem o fazia. Por isso, a invenção deste novo tipo de impressão foi determinante para que os livros e as informações começassem, de forma inédita, a circular pela sociedade, considerando que o conhecimento contido nos livros não estaria, pela primeira vez, apenas nas mãos da Igreja, como era de praxe daquela época. No Brasil, mesmo após a instalação da imprensa, por volta de 1808, ocorreram várias restrições, censura e controles legais, pois as casas de impressão e as fábricas em geral eram proibidas. Somente depois de assinado um alvará permitindo que fábricas pudessem funcionar, é que a circulação dos livros ocorreu, pela permissão dada às casas de impressão. Este foram fatores que são parte da história da tipografia para a memória gráfica do país (FARIAS et al., 2012).

Depois disso, este tornou-se o principal modo de se registrar com a finalidade de guardar os artefatos usados pelos diversos povos, pois eram muito mais compactos que os pergaminhos, que ocupavam muito espaço. Além dos tipos móveis serem utilizados para a impressão de livros, possibilitaram também o avanço da tipografia, pois ela foi acontecendo conforme o passar dos anos e das invenções de novos tipos. As impressões destas letras possuíam suas próprias características e eram efetuadas de forma diferente, tanto nas diferentes localidades como, inclusive, num mesmo local, pois em um mesmo escrito podem ter vários tipos de impressão. Foram a partir destes diversos tipos de letras que a memória gráfica foi se criando. Percebeu-se, que este é um assunto até que pouco estudado pelas áreas da Informação, que deveria se ocupar de estudar também estas coincidências e dissonâncias dos tipos de linguagens dos objetos e artefatos impressos produzidos em diferentes lugares.

Mendonça (2018), ao estudar “*A tipografia como manifestação cultural*”, e apoiar-se na epistemologia social da Ciência da Informação, tem possibilitado considerar: as peculiaridades dos tempos, dos sujeitos e dos ambientes, que imprimem marcas significantes complexas nos objetos e os tornam fenômenos informacionais. (MENDONÇA, 2018, p. 8). Ou seja, estes objetos possuem dupla função: o da própria informação registrada por este, e reconhecer a tipografia como manifestação cultural, que não é apenas um modo de se situar na história dos estilos dessa produção humana, mas de ampliar o raio da capacidade crítica diante do objeto informacional registrado.

As práticas de escrita, edição e leitura, somadas a um minucioso exame do livro enquanto objeto físico, podem ser estudadas pela História Cultural para compreendermos os dispositivos informacionais e a construção do conhecimento em todas as suas complexidades.

Isso propicia ao pesquisador em história do livro uma completa visão do universo editorial. É pela vertente da História Cultural que podemos estudar a história dos livros e das práticas e representações que dão forma aos modos dos homens lidarem com a cultura impressa. É a partir desta visão, que Chartier (1991, p. 178) afirma ser “[...] preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável na sua literalidade se investe de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõem à leitura.”.

Ao escrever o verbete “livro”, para o dicionário *A nova história*, de Nora, Chartier (1990, p. 362) define que “[...] é, no seu conjunto, uma mercadoria produzida e vendida, é o suporte de conteúdos culturais e é igualmente um objeto físico, específico nos seus materiais, na sua organização e fabrico”. Tratar do objeto cultural chamado livro, por si só, pode contribuir para a compreensão de como foram as mudanças de produção dos livros, pois mesmo que os livros não falem, literalmente, existem meios de estudarmos como foram reproduzidos conforme o passar dos anos. Existem várias HISTÓRIAS, que estão embricadas nesses objetos, desde quem o produziu, como o produziu e porque, assim existe ali muito mais que uma mera história por contar.

A partir destes estudos da História Cultural podemos verificar de que forma, o que e como se publicavam os livros, assim, teremos uma noção do que a sociedade julgava importante registrar. Dessa maneira, foi se criando a história da impressão dos livros, como também parte da história do conhecimento. Existem até mesmo estudos que tratam em específico dos erros que foram vistos em obras muito importantes, como em escritos de Shakespeare. Darnton (2010) trata deste tema em seu livro, ao discutir a importância de ser bibliógrafo, dizendo que podemos até mesmo ver que os tipógrafos que copiavam apenas os textos dos autores, ao reproduzirem estes escritos, algumas vezes deixavam suas marcas nos livros que imprimiam.

Os livros são objetos que recontam e compõem a história de cada lugar, a forma como cada livro é produzido pode impactar ou trazer novos horizontes para a sociedade, tudo a depender do modo com que estes objetos culturais são construídos. Segundo os autores que citaremos a seguir, seriam muito mais ricos em seu significado aqueles livros feitos de forma individual, por exemplo, os livros que são feitos artesanalmente seriam como um objeto de arte, seus editores têm a preocupação do livro como objeto cultural. Cleber Teixeira, em entrevista a Gisela Creni (2013, p. 135), afirmou que os editores artesanais buscavam “[...] a pureza dos primeiros tipógrafos e têm como referência as primeiras editoras, as primeiras gráficas do início da imprensa, quando o editor era também um tipógrafo”. Após leituras e

reflexões a este respeito, observa-se que cada editor-tipógrafo artesanal efetuava seu livro da forma mais livre, existindo muita dedicação em cada impresso.

Com todas as mudanças ocasionadas pelas transformações que os meios de comunicação geraram, além do aumento da produção de livros, verificou-se que a preocupação de como estes eram produzidos parece ter se perdido com sua produção em massa. O que se verifica atualmente é quase que somente um tipo de produção de livros, em que a fabricação é feita por máquinas. Porém, a ideia do livro como um objeto histórico vem sendo quase que esquecida, hoje, devido a essa impressão mecânica, pensando naquilo que deixa de exprimir em comparação àquele impresso feito por outras tecnologias. É onde reside a importância cultural das primeiras editoras e das editoras artesanais.

O que parece é que os editores artesanais gostavam do fazer manual de suas produções e precisavam muito mais deste tipo de saber vindo dos livros do que os editores de cadeias editoriais convencionais, além de que seus livros se tornavam objetos muito mais ricos em seu significado, por serem feitos por um meio muito mais laborioso. Por esta técnica ser vista como obsoleta - e que exige muito mais do trabalhador - é que as próprias editoras artesanais ganham agora fundamental importância, estimulando que sejam revisitadas outras formas de se imprimir livros durante a história da humanidade.

Existem editores artesanais que, em sua maioria, são independentes e não abrem mão desse envolvimento, que são os das chamadas editoras artesanais. Eles acabam realizando múltiplas funções em suas editoras, não apenas por contar com um número de colaboradores bastante reduzido, mas pelo gosto no envolvimento com todo esse processo, para acompanhá-lo e garantir um bom resultado (ROSA; BARCELLOS, 2017, p. 33). Além de terem um certo apego pelas práticas que já eram conhecidas, ou porque procuravam a difusão dos livros, procurando publicar obras que outras editoras recusaram, além de criarem as suas próprias identidades imprimindo do jeito que gostariam. Também há de se observar que na contemporaneidade os desafios dos editores são outros, pois, com o tempo, todas as suas relações vão se transformando e se tornam muito mais complexas, e, apesar de existirem inúmeras tecnologias usadas para impressão de livros, muitos outros dramas podem ser verificados, tanto nas editoras artesanais quanto nas demais editoras. Algo que deveria ocorrer: as tecnologias que foram anteriormente estabelecidas se somarem às demais, para que possam coexistir sem que algumas sejam completamente extermínadas, seja pela facilidade que podem trazer ou por diversos outros motivos.

Este avanço tecnológico traz modernidade, mas muitas vezes certos aspectos dos livros, podem ser perdidos, como por exemplo muitos dos estudos dos acervos podem

esquecer que os livros são mais do que um mero objeto que contêm informação escrita, mas que há ali muito material para se estudar como a maneira com foram impressos, escritos e publicados, além das questões que envolvem os seus próprios produtores. O que salientamos é que: “Os livros, em sua materialidade, têm sido tomados como objeto de estudo em trabalhos que focalizam: os sujeitos que atuam em sua produção, divulgação e circulação – autores, editores, livreiros [...]” (GOULART, 2010, p. 8).

Podemos verificar que esta ideia é observada a partir do esquema ou “Círculo de Comunicação” proposto por Robert Darnton (1990) para compreender a história do livro no Ocidente. O autor para fazer justiça aos avanços na história dos livros, redesenha uma compreensão ampliada do livro, tomando-o muito mais do que mero documento gráfico. Em *O que é a história dos livros*, o autor defende que este circuito não poderia ser isolado em suas diferentes fases, pois só adquirem seu sentido quando são relacionadas com o todo. Além disso, para Darnton e em nossa percepção, todos os atores que são parte desse processo da produção de livros possuem papel crucial tanto com o que se está escrito, como com aquilo que não é visível, pois são parte deste todo até chegar em seu destino, que seria o leitor.

Este “Círculo de Comunicação” foi criticado pelos autores Adams e Barker, ao afirmarem que esta ênfase de Darnton (2008) considera que as pessoas em seu diagrama estavam deslocadas, como se este fosse um sintoma de sua abordagem geral, que parte da história social em vez da bibliografia e se volta para a história da comunicação em vez da história das bibliotecas. O autor respondeu que não poderia nutrir entusiasmo por qualquer tipo de história que estivesse esvaziada de seres humanos, pois existe a importância de se estudar as pessoas ligadas aos livros a fim de entender a história dos livros. Esta é, portanto, uma das explicações do porquê escolher uma coleção de um editor artesanal, pensando que, pelas temáticas da biblioteca de Cleber Teixeira, podemos também entender a história dos livros que possuía, e se foram relevantes para a produção artesanal da Noa Noa.

A seguir, fazemos um paralelo entre as editoras artesanais e as bibliotecas. Pelo que se estudou acerca das editoras artesanais, observou-se que, a partir delas, houve uma circulação das suas produções, revelando que “[...] os editores artesanais brasileiros tiveram fundamental importância na divulgação de novos autores nacionais, poetas estrangeiros e artistas plásticos a partir da década de 1950. Esse ofício de apaixonados tornou mais diversificada e rica a literatura no Brasil [...]” (CRENI, 2013, p. 8).

As editoras artesanais estavam preocupadas em divulgar os textos, e que estes textos fossem amplamente lidos pelas pessoas, ações que, de uma forma ou de outra, se aproximam da missão das unidades de informação. Assim, podemos concluir que é fato que estes editores

e suas casas editoriais assumiram uma vasta tarefa cultural ao possibilitar a circulação pelo Brasil de textos dos mais variados autores. Muitos desses autores já eram conhecidos, mas sempre tiveram uma preocupação com o livro enquanto objeto que possui muitos significados, na contramão desta impressão em larga escala, pensando muito mais nestes objetos como arte, assim como pensavam as pequenas editoras e aquelas artesanais, que tratavam cada livro com exclusividade. Por este motivo, cada editora procurava ter a sua própria identidade tipográfica, em que os livros feitos de forma individual se tornavam objetos muito mais ricos em seu significado.

Hoje, muitos destes livros contribuem para que a memória gráfica e editorial do Brasil seja refeita, mesmo sendo de um ramo peculiar, porque suas editoras possuem cadeias editoriais diferentes das que vemos normalmente, encontrando-se em um espaço invisibilizado na sociedade. Seja porque são ignoradas ou apenas irrelevantes para os grandes conglomerados editoriais, as editoras artesanais, em sua maioria, possuem um perfil singular, e talvez poucas condições de almejar crescimento financeiro.

Acredita-se que estes espaços que foram anteriormente editoras artesanais cumpram uma outra função social, a de preservação. Assim, até mesmo a lembrança destes locais pode jogar luz sob este ramo editorial quase que desconhecido, abrindo discussão para que sejam pensadas as cadeias produtivas dos livros, a fim de não serem completamente extermínadas por aquelas que usam somente os mesmos instrumentos tecnológicos para a impressão de suas obras. Para a elucidação desta ação, Chagas afirma que: “Elas, apresentam-se como lugares onde determinados bens culturais são reunidos e preservados. A preservação, no entanto, não dispensa o uso social. Em outros termos: museus, arquivos e bibliotecas guardam coisas, papéis, livros para serem usados por determinadas pessoas.” (CHAGAS, 1994, p. 32).

Existe a necessidade da criação e preservação destes espaços, não apenas por serem fontes inesgotáveis de pesquisa, onde o conhecimento precisa ser difundido, mas pela importância de serem preservados da mesma forma, assim como estes documentos foram produzidos ao longo dos anos, para que possam comprovar suas histórias. Pode-se dizer que existe a pouco tempo esta preocupação com a história dos livros, assim como das pessoas que possuíram estes livros, não se julgando necessário, muitas vezes, saber quem é a pessoa por trás de cada coleção.

Este é um acervo muito rico tanto em seus documentos quanto pelo seu próprio espaço, pois existe uma variedade em seus livros, fotografias, recortes, escrituras, todos são lembranças deixadas pelo seu proprietário. O acervo ao qual nos referimos possui muitos dos objetos que eram utilizados por Cleber Teixeira para a confecção dos seus livros, como a

máquina tipográfica e os demais equipamentos antigos para efetuar esta impressão. Um dos movimentos observados pela História Cultural, por Michel de Certeau citado por Josgrilberg (2005), trata de uma tentativa de esboçar as estratégias usadas pelos seus sujeitos, em uma resposta ao sentido de problemas interconectados que, ao trabalhar em arquivos de um editor, visa a recapturar as experiências de pessoas comuns.

Estes arquivos, hoje em dia, são primordiais para o estudo das táticas e estratégias que estes editores possuíam, e de como a história editorial foi sendo construída. Até mesmo as cartas trocadas pelos editores e autores de livros são pesquisadas nestes arquivos, porque foram, por muito tempo, a única forma de os editores se comunicarem. Muitos destes editores, no entanto, ainda não possuem arquivos organizados. Alguns estudos tímidos e vagarosos estão sendo feitos, no sentido de revelar e estudar estas cartas, até então desconhecidas, e refazer os percalços vividos por seus remetentes e destinatários.

Pelas pesquisas que observamos, e mesmo pelo que vimos no próprio acervo de Cleber Teixeira, estas cartas por onde os editores se comunicavam são quase que os únicos documentos deixados por eles. Estudando um acervo que pertenceu a um deles, notamos que existem quase que apenas estes vestígios do seu passado, além das fotografias e de seus próprios livros. E, infelizmente, muitos destes editores não possuíam um arquivo para armazenamento destes documentos, utilizando-os somente para a prática do dia a dia, em que não guardavam muitos recibos, recados ou coisas que o parecessem.

As informações que muitos destes arquivos e bibliotecas possuem podem ser de grande contribuição para a preservação das coleções dos proprietários e editores. As memórias destes editores estão contidas em seus livros, ainda mais naqueles que formaram coleções diversas, que carregam em seu passado muito além do que uma mera história pra contar. A partir dos objetos culturais, como os livros, é que podemos estudar como se deu essa história da impressão, por isso afirmamos que eles mesmos são como provas históricas para refazermos esses passos. Pode-se afirmar ainda que estes documentos históricos são determinantes para o reconhecimento das memórias destes editores e, que, ao estudar as suas produções, verifica-se como eram produzidos os documentos de cada época. Estes esforços são possíveis graças a estes proprietários que constituíram as coleções, que criaram arranjos de organização para os exemplares que possuíam e os deixaram para a posteridade.

2.3 AS BIBLIOTECAS PARTICULARES DOS BIBLIÓFILOS

Para que sejam lembrados pela sociedade, os “lugares de memória” devem ser divulgados e estar acessíveis para todos os públicos por conta da memória e relevância que o acesso às suas informações traz. Portanto, existe mais que um motivo para a preservação dos acervos destes editores - como é o caso da própria Editora Noa Noa e da Biblioteca Cleber Teixeira -, mas um dever da sociedade, por tratar-se de espaços que se julgam relevantes para a memória gráfica e cultural das editoras artesanais do Brasil.

Ao relembrar o passado, estes espaços possibilitam a construção do conhecimento. As coleções dos lugares de memória existem como as bibliotecas, que possuem como um de seus propósitos carregar e guardar as histórias que seus documentos possuem. Além disso, elas possuem diversos tipos de acervos que contribuem para a preservação da memória e do patrimônio cultural, e, por estes mesmos documentos que verificamos aquilo que se julgara relevantes para registro para a posteridade.

As informações que estão disponíveis nas bibliotecas devem ser acessadas pelos usuários, por isso, a necessidade de essas informações estarem registradas e divulgadas. Existe uma visão do diferencial que cada coleção poderia proporcionar ao conhecimento para todo o público das bibliotecas, por isso, constatou-se que se faz importante torná-las disponíveis aos seus usuários. Tendo em vista que todas as obras são primordiais para o conhecimento de toda a sociedade, estes lugares, espaços, coleções e acervos são imprescindíveis para reconstrução da história. Dentre eles, as bibliotecas, que, com seus acervos, possuem um arsenal de variedades de temas para se pesquisar.

Após estes objetos serem registrados e como são produtos culturais, deixam de ser somente utilitários e exercem um papel que vai além da tradicional guarda, que chegam aos seus usuários. Muito se discute a respeito do que seria um acervo relevante para se registrar. Ainda assim, todos devem ser preservados, não somente aqueles que possuem livros raros ou antigos. A própria ideia de que é necessário ter livros raros para que estes mereçam ser salvaguardados é mais que ultrapassada. O que ocorre em muitos acervos, inclusive, é que deixam estes livros longe dos olhos dos usuários. Esta decisão pode até servir para poupar-los de eventuais acidentes, por outro lado, pode ocorrer um certo distanciamento dos usuários com este espaço: muitos poderiam desconhecer o potencial que esta coleção teria para a informação.

Para que os “lugares de memória” sejam incorporados e que os seus potenciais sejam alcançados, é necessário que se promovam estes espaços e que sejam úteis para aquilo que sua

comunidade necessita. Podemos dizer que é observado, por vezes, um certo afastamento, em muitos destes lugares, por conta de as pessoas acharem que são de difícil acesso, ou até mesmo por desconhecimento de sua existência. A pesquisa que tratamos quer, assim, verificar como os bibliófilos do estudo podem ser identificados como atores da produção do conhecimento, indo além do acúmulo e recuperação de documentos, mas pelo papel social da informação que cada uma dessas coleções que guardam possui.

Além disso, quando estamos nos referindo aos acervos que foram desenvolvidos durante anos por colecionadores de livros, estamos os diferenciando dos bibliófilos, que possuem uma relação muito mais afetiva com suas coleções do que um mero colecionador. Os bibliófilos possuem uma vasta e rica coleção de obras que devem ser bem cuidadas, mas que também devem estar disponíveis ao público. Segundo o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, bibliófilo é “1. "O que tem amor a livros; colecionador de livros" (nas) <=> Confraria dos Bibliófilos do Brasil, edição de bibliófilo, Sociedade dos Cem Bibliófilos. 2. Colecionador de documentos antigos ou raros.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 46).

No Brasil, assim como em muitos outros países, grandes bibliotecas, como as públicas e as universitárias, formaram-se tendo como base as coleções particulares. Conforme Lacerda (2019, p. 208): “As bibliotecas particulares são importantes fontes de pesquisa [...] cada uma abrange um universo do conhecimento particular de seu dono, conforme o interesse intelectual ou artístico do proprietário.” Sendo assim, podemos conhecer um pouco sobre os assuntos cujo dono tem mais apreço ou mais curiosidade. Em nosso caso, tratamos de uma parte do acervo de um editor artesanal, que utilizava muitos destes livros de sua biblioteca para ajudá-lo no fazer de suas produções.

Como toda instituição, pessoa ou lugar, todo acervo possui uma memória, é a própria memória do colecionador que está ligada a sua coleção, pois a construção desta é pessoal, e pode ocorrer durante toda a vida “[...] de acordo com motivações, necessidade e propósitos de cada um para esse conjunto de documentos que com ele se relacionam diretamente, como também de suas habilidades para localizar e obter a informação desejada.” (VERGUEIRO, 2017, p. 45). Portanto, a trajetória pessoal e profissional que traz a singularidade de cada coleção mostra que quem a constrói imprime nesse local uma parcela da sua história de vida.

Todo intelectual possui uma biblioteca, cujo arranjo e extensão são testemunhas dele mesmo, e é bem sabido que uma olhada na biblioteca de um intelectual diz muito sobre o que ele é, o que pensa, o que faz, sobre suas orientações políticas, seus gostos artísticos ou seus projetos recentes, pois ela é uma testemunha de sua atividade mais específica. (MOLES, 1978, p. 40).

Os livros carregam em si os vestígios deixados pelos seus colecionadores que podem ter escritos em suas páginas, ou mesmo pelo tipo de sua coleção, pois deve haver uma coesão nesta coleção. O bibliófilo geralmente quer montar sua coleção para que seja especial e exclusiva, assim, estes colecionadores escolhem os critérios dos livros que querem colecionar. “Nunca um bom colecionador deve ir comprando o que lhe agrada no momento. Se assim fizer, chegará, no fim de alguns anos, a ter uma vasta livraria sobre os assuntos mais diversos, obras dos autores mais variados, edições das mais disparatadas, mas nunca uma coleção digna de um bibliófilo.” (MORAES, 2018, p. 22).

Algumas das coleções que foram desenvolvidas durante anos pelos bibliófilos, como é o caso da Biblioteca Cleber Teixeira, podem ajudar a tratarmos da biblio filia como um patrimônio informacional. É mais do que importante e necessário assegurar a preservação destes espaços, assim como possibilitar a identificação histórica, cultural e social dos diversos grupos que compõem uma sociedade. Meu objeto de estudo é uma seção da Biblioteca Cleber Teixeira, cujo espaço e o acervo investiguei conceitualmente enquanto locais de memória das editoras artesanais brasileiras, tendo me aproximado destas discussões pelo fato de a seção ter como foco a produção de livros.

Existem alguns estudos que citam outros editores artesanais e suas respectivas bibliotecas, assim como os livros produzidos por eles. Sua maioria faz parte da Biblioteca de José Mindlin, uma biblioteca que compõe o acervo da Universidade de São Paulo. O que todos estes editores têm em comum, além das suas respectivas editoras, são as suas vastas bibliotecas, contendo livros que são raridades que apenas quem entende de biblio filia saberia o verdadeiro valor - tanto informacional quanto materialmente. Assim, alguns destes acervos são abordados em algumas pesquisas, porém, focando mais nos arquivos destes editores, pois as suas bibliotecas foram, em sua maioria, doadas para outros locais.

Neste sentido, na próxima seção será apresentado Cleber Teixeira, editor, e sua biblioteca, que é o *locus* desta pesquisa. Traremos um pouco da historicidade da Editora Noa Noa, de como era o fazer artesanal dos livros feitos por Cleber Teixeira, assim como a importância que as editoras artesanais tiveram para difundir culturalmente os livros de pequenos escritores. Por último, falaremos da Biblioteca particular de Cleber Teixeira, pois, além de tipógrafo, colecionava livros que falavam a respeito de tipografia e outros temas pertinentes para quem faz impressão de livros, principalmente os artesanais.

3 CLEBER TEIXEIRA: UM AMANTE DOS LIVROS NA VERSÃO EDITOR, BIBLIÓFILO E POETA

O livro é um objeto cultural que possui uma bagagem histórica, que poderia - ou até deveria - ser estudada para a manutenção de seu passado, sua história. O que parece, no entanto, é que isso se torna irrelevante para muitos setores, até mesmo para o editorial. As editoras artesanais podem ser vistas por muitos como antiquadas, pelo tipo de impressão usada, mas é por esse mesmo motivo que elas possuem a sua importância cultural. A preocupação dos primeiros editores e das editoras artesanais, que era de acertar ao dar lugar à imprevisibilidade do poeta, o editor que sintetiza o papel de artesão da palavra, assinalando sua complexa relação com o tempo que vivemos (LAMPE, 2016).

O mesmo ocorre com a máquina usada a muitos anos, pelos editores em toda sua história, estas impressoras e as próprias editoras artesanais são vistas por muitos como arcaicas, e sua importância vem desaparecendo com o tempo. A exemplo desses equipamentos, o maquinário que Cleber Teixeira utilizava para seus impressos, como o foco desta pesquisa: uma prensa e guilhotina manuais e uma prensa elétrica: “Fabricada em 1888, funciona a pedal e é idêntica à usada por Leonard e Virgínia Woolf quando ambos tiveram a Hogarth Press, em Londres, no início do século XX.” (CERA, 2009, página web).

Muitos destes editores, assim como Cleber Teixeira, imprimiam livros os quais eles mesmo eram autores. Essa vantagem de imprimir as próprias obras tornava a experimentação com as palavras muito mais livre também no ofício de tipógrafo. Além disso, muitos não reproduziam as normas ou regras para fazê-los, seguiam as suas intuições de editor ou que o autor da obra queria. A obra de Gisela Creni intitulada *Editores Artesanais Brasileiros* é fonte principal de inspiração e guia para esta pesquisa. Creni (2013) primeiramente conta como foi o início da história da atividade de edição de livros no Brasil, que começa em 1808 e tem crescimento na primeira metade do século XX: depois, o desenvolvimento de nossa indústria editorial que se deu conforme estes autores eram conhecidos e comercializados em nosso país.

A autora retrata que nos anos 1950, período do pós-guerra, devido a expansão do hábito de leitura durante a Segunda Guerra Mundial, a produção de livros no Brasil conheceu mais uma fase de crescimento. Creni (2013) afirma que estes editores singulares buscavam o processo da produção artesanal individualizada, o que tornavam estes livros únicos. Este aspecto era observado pela dedicação que os tipógrafos possuíam para cada livro impresso, pois todo exemplar era feito de uma forma exclusiva. Portanto, verifica-se que estes editores

“[...] preocupavam-se, sobretudo com a qualidade do livro [...] e intervieram na forma gráfica do texto, imprimindo manualmente suas próprias edições, numa tentativa de recuperação do livro como objeto artesanal.” (CRENI, 2013, p. 17).

Cleber Teixeira, em uma parte da sua entrevista para a autora, relata que o primeiro livro que produziu foi feito integralmente à mão, sem uma máquina para a impressão. Mais tarde passou a efetuar esta atividade com o auxílio da prensa, que possibilitava ainda assim, uma forte presença, inclusive manual, do editor em cada etapa da produção. Este aspecto era observado pela dedicação que os tipógrafos possuíam para cada livro impresso, pois todo exemplar era feito de uma forma exclusiva, e que acaba servindo hoje para o resgate da memória das editoras artesanais.

Nesse mesmo sentido, referindo-se ao editor Cleber Teixeira, o escritor Augusto de Campos, em texto citado por Creni (2013, p.139) afirma: “ele é capaz de dar a um livro o mesmo tratamento que um poeta dá a um poema”. Assim, estes editores intentam, de certa forma, retornar aos primórdios da produção gráfica, uma preocupação até mesmo expressa por Cleber, que queria que os autores dos livros gostassem das suas edições, assim, estes livros eram feitos coletivamente. Diz Cleber Teixeira: “eu me preocupo em fazer da melhor maneira possível, escolhendo o tipo ideal, a melhor diagramação, o formato do livro e o melhor papel para impressão, e que tudo fique ideal para cada autor” (CRENI, 2013, p. 135). Cleber Teixeira foi editor, mentor e proprietário da Editora Noa Noa, em Florianópolis, uma das editoras artesanais existentes na época.

O dono da Editora Noa Noa tentou expandir as vendas das publicações da editora, mas não obteve resultados nesta empreitada, e até mesmo, entraves para que seus livros chegassem em algumas livrarias. Por isso que se voltava, prioritariamente para a poesia nacional, livros que foram escritos por ele mesmo, e por autores de que se tornara amigo. Muitos destes artesões como Cleber Teixeira se dedicavam em exclusivo para o ramo de venda para bibliófilos, pois suas tiragens eram poucas devido o tempo gasto em seus trabalhos. Ele pretendia começar a vender os seus livros por assinatura, onde seriam encomendados por seus assinantes da forma como gostariam, mas não conseguiu tempo para concretizar esta ideia.

Após o acesso que tivemos as entrevistas dadas por Cleber Teixeira, para a confecção deste trabalho foram retiradas de documentários que traziam a história deste editor, percebe-se que ele tinha muita confiança no que os livros ensinavam. O editor sempre relatou que estes livros foram primordiais para o início de seu ofício como tipógrafo, mas também explicava que não bastava o saber dos livros. Para ele, era necessário buscar estes conhecimentos também nas pessoas que já praticavam este ofício, como aquelas que trabalhavam em gráficas.

O editor Cleber Teixeira tentou começar a imprimir livros apenas com alguns manuais de tipografia, mesmo que tenha, posteriormente, precisado conversar com pessoas que trabalhavam em gráficas para entender mais sobre a prática deste ofício. Mas, de fato, o começo de seu ofício foi solitário, contando apenas com a ajuda dos livros que estavam em sua biblioteca. Assim, podemos afirmar que a Biblioteca Cleber Teixeira conta a história não apenas da sua vida, mas como veremos mais adiante, os próprios livros tratavam da impressão tipográfica e das demais editoras artesanais.

3.1 A BIBLIOTECA DE CLEBER TEIXEIRA

O poeta, editor ou outros tantos possíveis adjetivos a Cleber Teixeira já foi e é alvo de estudos, documentários entre tantas mídias de informação e comunicação. Assim, em suas entrevistas, como idealizador de sua biblioteca, Cleber Teixeira relevou que sempre desejou compartilhar seu conhecimento a partir da disponibilização de seu acervo para consulta de pesquisadores, estudantes e amantes da leitura, portanto, há mais do que um dever para torná-lo acessível. As coleções, como as de Cleber Teixeira, tornam possível o resgate da memória das editoras artesanais, e muitas destas editoras podem conter produtos tanto da sua própria história como da história das demais editoras.

Pelo fato de a Biblioteca Cleber Teixeira ser o foco da desta pesquisa, não podemos deixar de mencionar o espaço que ela ocupa atualmente: aquele que foi o de uma editora, no passado. “No Acervo Noa Noa, encontram-se diversas gavetas de tipos móveis e máquinas tipográficas de alimentação manual, bem como materiais referentes à encadernação e instrumentos utilizados na elaboração de materiais gráficos por meios manuais.” (INSTITUTO CASA CLEBER TEIXEIRA, 2021).

No mesmo local está a oficina tipográfica, em que encontramos as estantes com uma organização pessoal do Cleber Teixeira, que é mantida conforme sua organização, separados em oito grandes áreas: “Livros Sobre Livros”, “Artes Visuais”, “Obras de Referências”, “Vidas”; “Literatura”, “Obras Raras”, “Ciências Humanas” e “Periódicos”. As seções da Biblioteca, a princípio, foram propostas por participantes dos projetos de universidades e por subsídios públicos, tendo como referência a organização anterior feita por Cleber Teixeira, mas que foram sendo incorporados títulos a biblioteca conforme eram encontrados pela antiga casa do bibliófilo. Para que os espaços que foram deste editor sejam visitados pelo público em geral, foi necessária a idealização também do Instituto Casa Cleber Teixeira, que tem como

principal objetivo disponibilizar os espaços da Editora Noa Noa e da Biblioteca de Cleber Teixeira.

Este espaço é composto por uma classificação alfanumérica inspirada na organização da Biblioteca José Mindlin, designadas de uma forma que fosse possível recuperar os seus componentes, pois se trata de uma quantidade considerável de obras que fazem parte da biblioteca. Cada uma das estantes contém um número, que é inserido na identificação de cada livro no sistema, assim o usuário pode encontrar o que procura buscando pelo número da estante e pelo número de cada prateleira.

O foco da seção que foi escolhida para a pesquisa trata principalmente, da produção de livros, de seus editores e do design editorial como um todo; e possui como sub-assuntos: teorias e críticas literárias; editoras e livrarias; tipografia; história da literatura; artes gráficas; conservação, restauração e encadernação; história do livro; bibliotecas; livros e leitura; catálogos; escritores; e jornalismo. (INSTITUTO CASA CLEBER TEIXEIRA, 2020). A seguir conhceremos uma parte da vasta biblioteca e os assuntos principais que fazem parte da seção de “Livros Sobre Livros”.

Acreditamos que seria importante estudar uma das seções da Biblioteca Cleber Teixeira até porque como uma seção de “Livros Sobre Livros”, estes se dedicam às temáticas da história da impressão de livros, tipografia, dentre outros. Fizemos um paralelo entre estes dois espaços – a editora e a biblioteca -, que coincidiram neste local, mas são diferentes em seus significados. O que ambos têm em comum é que estão relacionados pelo fazer do editor Cleber Teixeira, e que os temas da seção de “Livros Sobre Livros” podem ter contribuído para a função que ele exercia.

Muitos dos livros que Cleber colecionava e que estão nesta seção são a respeito de como produzir livros, portanto, é por seus temas que poderemos averiguar se estes livros poderiam conter assuntos usados por Cleber Teixeira para a impressão de seus próprios livros. Mas para que sejam de alguma forma recuperadas, estas informações devem estar identificáveis, localizáveis e acessíveis, para isso, é preciso registrá-las em algum local. Este processo gera uma representação única de um determinado item, e possibilita o agrupamento de itens de mesmo tema ou de áreas parecidas. A partir das informações retiradas dos próprios documentos, o profissional da informação alimenta em seu sistema da unidade de informação com as descrições do documento para cada local indicado por este, para que, então, o usuário consiga recuperá-lo.

Os dados que apresentamos a seguir foram retirados do registro das obras no próprio site da biblioteca, levantamento feito a partir do programa BIBLIVRE, que “[...] enfatiza as

rotinas e sub-rotinas dos principais procedimentos realizados em bibliotecas”, além de permitir a inclusão digital do cidadão na sociedade da informação (BIBLIVRE, 2022). O sistema permite que pesquisas sejam feitas remotamente através de buscas pelo sistema de uma biblioteca automatizada. Esta pode ser realizada a partir de uma palavra, autor, título ou qualquer outro termo de busca.

A Biblioteca Cleber Teixeira utiliza o software BIBLIVRE para realizar estes registros, e a busca neste sistema realizada com a palavra-chave “Livros Sobre Livros” resultou em 167 itens. Foram verificadas a partir desta pesquisa, primeiramente os temas que mais apareciam na seção de “Livros Sobre Livros”, da Biblioteca Cleber Teixeira. A partir da análise com foco nos temas e editoras, foram identificados 370 assuntos retratados, sendo que 18 títulos compõem 50%, ou seja, metade dos temas representados pelas palavras-chaves desta seção. A seguir os dados acerca destas temáticas:

Tabela 1 - Predominância de assuntos da seção “Livros sobre Livros”

Palavras-Chave	Contagem	%	% Total da coleção
Artes gráficas	44	0,12	0,12
Tipografia	34	0,09	0,21
Editoras e livrarias	18	0,05	0,26
Editoras e livrarias - Brasil	11	0,03	0,29
Editoração	9	0,02	0,31
Impressão	8	0,02	0,34
Tipos para impressão	8	0,02	0,36
Ilustração de livros	7	0,02	0,38
Prática tipográfica	7	0,02	0,4
Editoração - Brasil	6	0,02	0,41
Livros - História	6	0,02	0,43
Livros e leitura	6	0,02	0,44
Editoração - História - Brasil;	4	0,01	0,45
Livros - Diagramação	4	0,01	0,47
Projeto gráfico (Tipografia)	4	0,01	0,48
Tipografia - História	4	0,01	0,49
Artes gráficas - História - Brasil	3	0,01	0,5
Livros	3	0,01	0,5

Fonte: Resultados da Pesquisa (2021).

Apresentaremos a seguir as editoras que mais aparecem nesta coleção, tal como os assuntos que estes livros tratavam, e, por último, verificarmos os sites das casas publicadoras dos livros desta seção, que são parte da investigação. As seis editoras que tiveram maior número de livros somaram 39 títulos, que são parte dos 22,16% desta seção, e foram escolhidas como foco desta pesquisa por concentrarem o maior volume de obras relacionadas e por serem os temas mais frequentes pelas editoras. As demais editoras, perfazendo um total 137, foram pouco mencionadas nesta análise pois a maioria possuía apenas 1 livro na seção e 30 delas possuíam 2 livros, tendo-se poucos dados para estudar.

A seguir, são apresentados os resultados das quantidades de livros e dos temas que cada editora desta seção possui, conforme o número de obras, a editora que teve o maior valor foi a Edições Rosari com 10 livros. Ao pesquisar em seu site, esta possui uma seção denominada “Tipografia”, um dos assuntos que teve o maior número de livros por esta editora, e “Tipos para impressão”, um tema que foi encontrado apenas nesta editora, com oito menções na seção “Livros Sobre Livros”.

Em um ranking classificatório, a editora da Universidade de São Paulo (EdUSP) aparece em segundo lugar, com um total de nove livros nesta seção. Como se sabe, essa editora publica obras relevantes em todas as áreas do conhecimento da produção científica da Universidade de São Paulo. O tema das obras desta editora que compõem esta seção com o quantitativo indicado tratam de “Editoras e livrarias – Brasil” e ressalta-se que somam mais da metade dos livros que tratam deste assunto em toda seção, além de “Editoração – Brasil”, tema que foi abordado apenas por essa editora neste recorte.

Com um total de sete livros, a editora Ateliê Editorial é uma das únicas editoras nesta pesquisa que utiliza algum tipo de trabalho artesanal, em que se prioriza o conceito do livro como um suporte material digno da boa literatura. Em seu site, existe uma categoria chamada “Design e Livros sobre Livros”, e o assunto que teve mais livros por esta editora foi “Livros – Diagramação”. Esses livros, se somados aos livros da Cosac Naify, formam a quantidade total desta temática nesta seção.

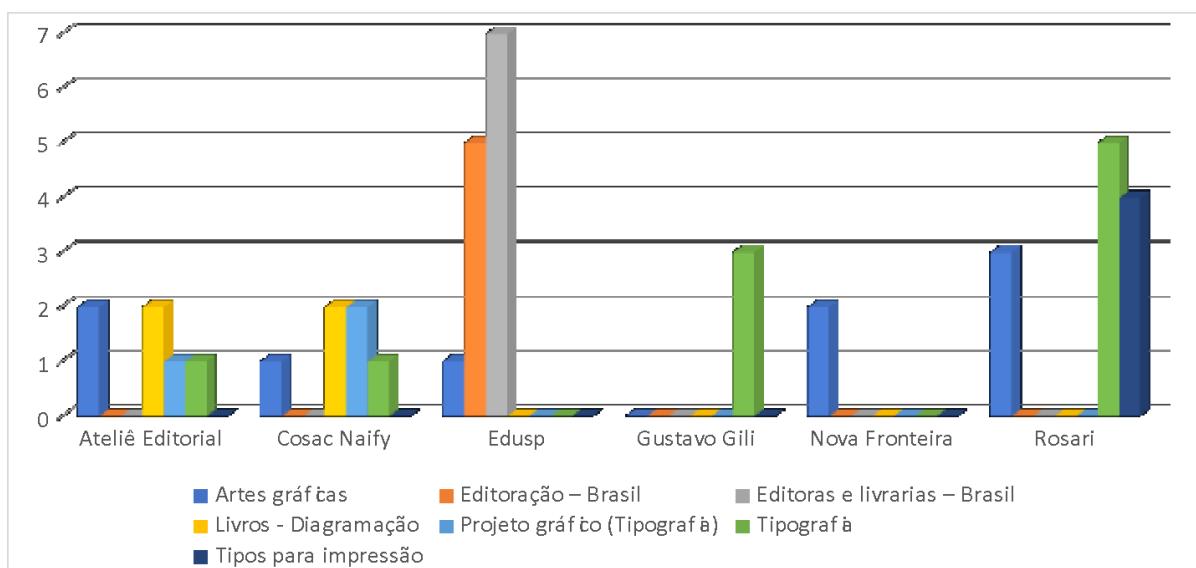
A Ateliê Editorial e a Cosac Naify são as editoras que possuem os assuntos mais variados dentre todas as que foram pesquisadas, deixando de fora apenas três dos principais temas desta seção. Estas duas editoras tiveram um resultado semelhante, tendo a Cosac Naify seis livros nesta seção. Esta editora, infelizmente, não produz mais livros hoje em dia. Os assuntos que foram mais verificados pela Cosac Naify foram “Livros – Diagramação”, que somados aos da Ateliê Editorial e da Cosac Naify possui o total desta temática em toda seção; além de “Projeto gráfico (Tipografia)”, que somou mais da metade dos livros, cada uma

destas editoras com dois livros ao todo nesta parte da coleção.

Outra editora que apareceu com quatro livros nesta seção foi a Editorial Gustavo Gili, que é uma editora independente especializada em cultura visual, nascida em Barcelona em 1902, com sede nesta cidade, além de México e São Paulo. O assunto que foi mais verificado por esta editora é “Tipografia” e em seu site há uma categoria que é chamada de “Tipografia, Caligrafia e Letras” até mesmo possuindo uma definição. E, por fim, a editora que teve como resultado três livros na seção em tela foi a Nova Fronteira, fundada em 1965, e parte das empresas Ediouro Publicações. O assunto mais visto pelos livros desta editora foi “Artes gráficas”, além disso, o tema mais recorrente na totalidade dos livros desta seção.

No levantamento por editora, observou-se que 18 palavras-chaves correspondem a metade das ocorrências destes temas, e que as editoras mais recorrentes nesta seção foram: Ateliê Editorial, Cosac Naify, Edusp, Gustavo Gili, Nova Fronteira e Edições Rosari. Estas editoras possuem a maior quantidade de livros na seção “Livros Sobre Livros”, e a partir destes dados, constatou-se que sete das 18 palavras-chaves com maiores ocorrências são utilizadas nas obras das seis editoras com maior acervo, como apresentado no gráfico a seguir.

Figura 1 - Editoras estudadas por assuntos da seção “Livros sobre Livros”



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Foi observado em relação aos temas encontrados que algumas editoras possuem temas que apareceram somente dentre as seis editoras pesquisadas. Este fato pode ser percebido facilmente em três assuntos que tratavam de “Editoras e livrarias – Brasil”;

“Editoração – Brasil” e “Tipos para impressão”, sendo que dois destes foram vistos em exclusivo pela EdUSP.

Apesar do tema mais recorrente tratado pelas editoras dos livros nesta seção ter sido a respeito das “Artes gráficas”, somando todos os livros de cada uma das seis editoras selecionadas, observou-se que havia um livro a mais do assunto “Tipografia” do que de “Artes gráficas”. Assim, nem sempre podemos afirmar, ao estudar uma parte de uma coleção, que seu corpo é formado por uma só característica, e menos ainda em se tratando de um acervo. Assim, este estudo pretende ser uma contribuição para a área da Ciência da Informação, no que tangem aos estudos das coleções de livros.

Falando agora da importância cultural das editoras do Brasil, existe uma pesquisa promovida pelo jornal Valor Econômico, em 23 de julho de 2010, que procurou indicar as editoras que mais se destacavam, à época, culturalmente. Aos 21 especialistas consultados, foi pedido que fossem escolhidas três casas editoriais que mais se destacassem culturalmente para eles. Vimos que das editoras mencionadas, faziam parte da coleção de Cleber Teixeira a Cosac Naify, em segundo lugar (76%), em 5º a Ateliê Editorial e em 6º a EdUSP.

No próximo subitem serão apresentadas as obras da seção de “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira, em que estará escrito o nome de cada livro, quem o publicou, em que ano, sobre o que trata e se estes temas podem ter auxiliado Cleber Teixeira com a produção artesanal de seus livros.

3.2 TEMAS DA SEÇÃO DE “LIVROS SOBRE LIVROS” E INDÍCIOS DAS PRÁTICAS EDITORIAIS DE CLEBER TEIXEIRA

Após os resultados apresentados, gostaríamos de afirmar como as coleções e os acervos são mais do que essenciais para os estudos da sua própria história e da de seus proprietários. Esta análise foi feita com base nos assuntos tratados na seção “Livros Sobre Livros”, e os livros lá constados nos permitem dizer - por seus conteúdos, dentre os 40 livros que foram estudados mais profundamente - que em média 22 deles devem ter influenciado as produções editoriais de Cleber Teixeira. Todas estas obras estarão listadas no Apêndice B – Obras da seção “Livros Sobre Livros” deste trabalho.

Apesar de ser uma coleção muito específica, que conta com uma variedade livros, estes possuem em comum fazerem parte de uma seção que se destina à história da impressão de livros. Estes foram os livros que Cleber Teixeira possuía, e que hoje podem ser consultados pelo site da Editora Noa Noa, sendo possível pesquisar quais ele teve durante toda a sua vida

e que o podem ter ajudado a produzir seus livros.

Assim, o que almejamos com esta pesquisa é verificar se, de fato, os livros da seção “Livros Sobre Livros”, da Biblioteca Cleber Teixeira foram determinantes para as produções de toda a vida enquanto editor. Em suas entrevistas, Cleber Teixeira relatava que pensava ser fácil aprender a arte de imprimir livros, e que os livros o ensinariam o fazer desta prática, mas que após algumas tentativas, não obteve um resultado satisfatório. Assim, ele foi falar com pessoas que trabalhavam em gráficas para que transmitissem alguns ensinamentos na arte de imprimir livros.

A seguir, falaremos dos livros que fizeram parte desta análise, e aqueles que podem ter auxiliado este editor em suas produções, de acordo com as constatações desta pesquisa. Iniciamos com a Edições Rosari, cuja denominação foi inspiração de nosso grande amigo Salvador Monteiro, mestre na arte de editar, é a editora que possui o maior número de livros dentre estes 22 que serão apontados, com 8 menções dentro da coleção. Além disso, há assuntos visto apenas nesta editora dentre as que foram pesquisadas, como “Tipos para impressão”. Um desses, publicado em 2003, pelo autor Gustavo Piqueira, *Gill Sans*, descreve um tipo desenhado por Eric Gill (1882-1940), escultor e desenhista de letras, que ficou conhecido por Gill Sans. Essa família tipográfica pode ser considerada a precursora do que se convencionou chamar de sem serifa humanista, apresentando um grau de legibilidade em textos até então obtido apenas com fontes serifadas.

Outro livro que trata destas classificações tipográficas é o publicado em 2003 pelo autor Claudio Ferlauto, *B de Bodoni*, uma das tipografias criada pelo artista Giambattista Bodoni. Seus tipos são considerados os primeiros modernos na história da tipografia. Ficou muito evidente na tipografia moderna o contraste entre traços grossos e finos em uma mesma letra, além de serifas mais retas e finas estas caracterizadas pela substituição da pena humanista pela pena metálica, que garantia maior precisão ao escritor, o que também possibilitava novas técnicas no desenho dos tipos.

Em *Letras que bailam: Garamond*, publicado em 2004, pelo autor Luciano Cardinali, Garamond deixou de ser apenas uma família tipográfica para se tornar uma categoria na classificação dos tipos; assim como as Didones (de Didot e Bodoni), ela é hoje uma categoria nas classificações europeias. Este próximo possui um amplo repertório: *Tipografia comparada: 108 fontes clássicas analisadas e comentadas*, publicado em 2004, pelo autor Claudio Rocha, repercute a cultura tipográfica que foi desenvolvida no Brasil, seu potencial, e os estudos dos designers e tipógrafos sobre esta área que são reconhecidos internacionalmente. Outra obra que discute estas heranças da tipografia é *A herança escultórica da tipografia*,

publicado em 2004, pelo autor Galberto Gaudencio Junior, com o uso de fotos, ilustrações, infográficos, tabelas e legendas que auxiliam na compreensão do conteúdo, porque possui imagens gráficas que complementam o entendimento do texto. O texto fala dos tipos como agentes que uniformizam a história, sobre os tipos que são esculpidos, e da prática e técnica tipográfica como processos históricos.

Este próximo livro, assim como outros desta seção, nos apresenta a história resumida da escrita, mas tratando em específico, assim como o nome já diz, da *A forma sólida da linguagem*, como uma nova forma de classificar e entender a relação entre esse elemento e o significado. O livro foi publicado em 2004, pelo autor Robert Bringhurst, que em seu relato começa apresentando a relação entre a língua e sua representação na forma escrita a partir da interpretação das pegadas dos animais desde os primórdios de nossa era até a abundância tipográfica dos dias de hoje.

Já os próximos livros seriam como manuais para a produção de livros, em *O livro e o designer I: embalagem, navegação, estrutura e especificação* que foi publicado em 2007, pelos autores Roger Fawcett-Tang e Caroline Roberts, são reunidos alguns dos mais importantes e interessantes livros publicados em diversos países nos últimos anos. São livros de arte, design, literatura e poesia, também incluindo projetos experimentais e portfólios. Está dividido em capítulos que enfocam as etapas da produção do livro: embalagem, navegação/diagramação, estrutura e especificações técnicas. Amplamente ilustrado, relata caso a caso os aspectos mais importantes de cada projeto editorial apresentado em seu conteúdo. O próximo livro é um segundo volume deste primeiro, mas que mostra como produzir os livros, *O livro e o designer II: como criar e produzir livros* foi publicado em 2007, pelo autor Andrew Haslam, onde escreve um manual completo para criar e produzir livros, que contempla todos os aspectos do design editorial. São 256 páginas ilustradas com livros produzidos em diversos países e que enfocam aspectos do planejamento, criação, diagramação, acabamento e técnicas de produção.

Outra editora que apareceu com quatro dos livros que podem, hipoteticamente, terem sido usados por Cleber Teixeira para efetuar seus livros, é a Editorial Gustavo Gili, em que o assunto que foi mais visto desta editora foi ‘Tipografia’, além de ser o assunto que foi mais verificado em todos estes livros que pensamos que foram utilizados para estudo do editor artesanal. Aliás, no próprio site da editora há uma categoria chamada de “Tipografia, Caligrafia e Letras” – a qual pode-se dar à linguagem um corpo físico e dar uma forma concreta ao conteúdo.

A Editorial Gustavo Gili, no início, publicava livros sobre um tema diversificado, com

especial atenção aos manuais técnicos, gênero que até então não existia na Espanha.

Assim, surge um destes manuais técnicos, com *Teoría y práctica de la tipografía con nociones de las industriais afines: Manual para aprendices y oficiales*, publicado em 1945, pelo autor Martínez Sicluna. O livro relata os primórdios da indústria gráfica, desde as prensas de Gutemberg, que serviria como um guia para futuros tipógrafos. Além deste, outro livro que fala mais especificamente sobre a prática tipográfica, é *Guia del maquinista tipógrafo*, publicado em 1958, pelo autor Claudio Bargés, para uma vasta e variada formação especializada em arte. Ambos os livros desta editora estão esgotados, e são difíceis de serem encontrados hoje em dia.

Existem outros dois livros desta editora que falam de tipografia, o *Tipografía: función, forma y diseño*, publicado em 2005, pelos autores Phil Baines e Andrew Haslam, conta a história da tipografia no Ocidente, iniciada em 1455, com a publicação da Bíblia de Gutenberg, chamada “de quarenta e duas linhas”, embora a história da escrita e dos alfabetos remonte milhares de anos. O livro apresenta ao leitor todos os aspectos-chave do assunto, desde a história da linguagem e da escrita, até a invenção de tipos móveis e a evolução dos sistemas digitais até 2005.

E o último livro, *O que é tipografia?* publicado em 2007, pelo autor David Jury, apresenta as estruturas formais desta disciplina que facilitam o acesso à informação, as suas ferramentas, métodos e mecânica. Também analisa os distintos suportes existentes e os processos de reprodução consequentes; e conclui com a análise da obra de um eclético grupo de tipógrafos, demonstrando a amplitude, riqueza e qualidade do design tipográfico na atualidade.

Uma das únicas editoras que esta pesquisa verificou, que prioriza o conceito do livro como um suporte material digno da boa literatura, em que todos os detalhes são levados em conta e que possui alguns processos que ainda são feitos manualmente é a Ateliê Editorial. Esta editora possui um total de três livros que devem ter ajudado Cleber em suas produções, pois até mesmo em seu site existe uma categoria que se chama “Design e Livros sobre Livros”.

Um livro que possui quase o mesmo nome da categoria adotada pela editora, em *O design do livro*, publicado em 2003 pelo artista gráfico Richard Hendel e outros oito designers, apresenta alguns de seus mais importantes projetos visuais em que analisam a escolha do formato, a seleção dos tipos, a disposição da mancha, entre outros aspectos. Além deste livro, há outro que traz ideias do mesmo artista, *A arte invisível: ou a arte do livro*, publicado em 2003 por Plínio Martins Filho. Este pequeno volume traz um conjunto de citações de

especialistas sobre o design e a edição de livros, uma das frases, de Richard Hendel, define bem o ofício: “Se a impressão é a arte negra, o design do livro pode ser a arte invisível”.

Em *A forma do livro: Ensaios sobre tipografia e estética do livro*, publicado em 2007, livro de ensaios que o renomado tipógrafo e designer alemão Jan Tschichold escreveu entre 1937 e 1974, abordam-se os vários aspectos da composição tipográfica: página e mancha, parágrafos, grifos, entrelinhamento, tipologias, formatos e papéis, entre outros. Aliando precisão técnica e reflexão estética, Tschichold aposta no respeito pelo texto e no cálculo das proporções para conquistar a harmonia do conjunto.

Cabe um parêntese nesta análise dos temas identificados nas editoras Ateliê Editorial e a Cosac Naify, foram encontrados os assuntos mais variados de todas as que foram pesquisadas. Em que os assuntos mais verificados foram ‘Livros – Diagramação’, que somadas este tema, a Ateliê Editorial e a Cosac Naify possuem o total desta temática em toda seção. Como já mencionado, as duas editoras possuem uma maior variedade dentre os assuntos pesquisados, além de serem as únicas que trataram de “Projeto gráfico (Tipografia)” e “Livros – Diagramação”.

Infelizmente, a Cosac Naify encerrou suas atividades editoriais, hoje, apenas vende os livros que foram impressos há tempos. Entre as causas do fechamento estavam a crise econômica brasileira, a alta do dólar, o aumento da inflação e a burocracia. A encadernação dos livros desta editora, em geral, é completamente diferente entre si, publicando livros de todas as áreas da arte, e sempre sendo uma editora com qualidade impecável em seus impressos. Hoje existem muitas poucas tiragens, e os preços dos seus livros estão bem altos.

A Cosac Naify possui três livros que falam de diagramação e projetos tipográficos nesta seção, o primeiro é o *Pensar com tipos*, publicado em 2006, pela autora Ellen Lupton. É o livro que aborda tipografia com mais profundidade, com informações práticas e contextualizadas da história e teoria do design, que conceitua e exemplifica diversos pontos da tipografia, como formação do tipo em específico, os “faça” e “não faça” e muitas outras questões, com exercícios para praticar ao final de cada capítulo.

Os livros sobre “Projeto gráfico (Tipografia)” desta editora somaram dois livros ao todo, sendo um destes quase que uma bibliografia de artes gráficas, com o *Bibliográfico: 100 livros clássicos sobre design gráfico*, publicado em 2009, pelo autor Jason Godfrey. Um livro feito de livros, que traz mais de cem anos de design como um almanaque ilustrado. Ele reúne uma seleção de cem títulos que marcaram a produção editorial e o design gráfico nos séculos XX e XXI, sendo que cada parte deste livro possui comentários que contextualizam historicamente, explicando sua estrutura editorial e descrevendo suas especificidades gráficas.

O outro livro desta editora que trata dos tipos que existem dentro da tipografia, chamado *Elementos do estilo tipográfico*, publicado em 2005, e projetado pelo tipógrafo, ensaísta e poeta norte-americano Robert Bringhurst, reúne e discute em profundidade os conhecimentos que a história da tipografia ocidental transformou em tradição ao longo dos últimos 600 anos. O livro contém glossário inglês-português de caracteres, de termos tipográficos, de designers de tipos, de fundições tipográficas, e catálogos de fontes com e sem serifa.

Além da Cosac Naify, outra editora que obteve o mesmo resultado de três livros nesta seção foi a EdUSP, que publica obras relevantes em todas as áreas do conhecimento da produção científica da Universidade de São Paulo, mas não se limitando a isso. O tema mais visto por esta editora foi “Editoras e livrarias – Brasil”, somando mais da metade dos livros que tratavam deste assunto em toda seção. Um desses livros é dedicado ao editor *Arlindo Pinto de Souza* e sua editora Luzeiro, que foi publicado em 1995 pelos autores Jerusa P. Ferreira, André de O. Lima e José I. Gonçalves, Mine Akiyoshi, e faz parte da Coleção Editando o Editor.

Este livro, que trata do ofício de Arlindo, vem desde os tempos da tipografia de seu pai, seguidor da tradição portuguesa de edições populares. Assim como Arlindo, esta coleção queria homenagear Cleber Teixeira, mas que não houve tempo de fazer um livro dedicado a este editor. Com exceção das produções artesanais, a Luzeiro é a única, em todo o Brasil, a publicar folhetos de literatura de cordel e de literatura popular em geral, mantendo viva uma produção à margem da cultura institucionalizada. Cleber tinha fascinação por este tipo de impresso e seus livros eram inspirados nestas produções, por isso a história de Arlindo pode ter influenciado de alguma forma.

Em *Rei do Livro: Francisco Alva na história do livro e da leitura no Brasil*, outro livro que fala de um editor renomado, Aníbal Bragança reúne artigos de diversos autores do campo multidisciplinar da história do livro, da leitura e da edição. Este é um dos poucos livros desta pesquisa que possui dedicatória do autor, além de ser parte da Coleção Memória Editorial, tendo sido publicado em 2016. Com foco na atuação do livreiro-editor Francisco Alves de Oliveira, a obra também aborda as práticas editoriais, em particular no que se refere aos direitos autorais e relação com os autores.

Além dos livros que tratavam de suas próprias editoras, foi observado o tema “Editoração – Brasil”, permitindo constatar que a EdUSP é a única que possui esse assunto dentre todas as editoras estudadas neste recorte. Um destes é *A aventura do livro experimental*, publicado em 2010, pela autora Ana Paula Mathias de Paiva que faz um panorama descritivo

e ilustrado da história do livro. Valorizando principalmente, a experimentação dos suportes de leitura, seus grandes pioneiros, estilos de vanguarda e evoluções editoriais. A autora apresenta mais de oitenta ilustrações que ajudam a compor uma linha do tempo editorial, e nomeia os profissionais que tornam possível a realização material do objeto livro, e discorre sobre algumas funções e definições do livro.

Por fim, a editora, que podemos denominar como comercial e que teve menos resultados, com um livro apenas nesta parte da seção foi a editora Nova Fronteira, fundada em 1965, e parte das empresas Ediouro Publicações. É uma das editoras mais respeitadas do nosso país, seu catálogo conta com cerca de 2.000 títulos, e um destes é o último livro analisado em *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*, publicado em 1986, pelo autor Emanuel Araújo. Este livro desvenda ao leitor o universo da editoração como um instrumento essencial para especialistas, e que se renova pelo impacto da tecnologia.

Após avaliar os temas identificados, traçamos uma espécie de análise para verificar se estes livros que estudamos podem ter auxiliado nas composições editoriais de Cleber Teixeira. Este primeiro contato com os assuntos que são parte da “Seção Livros Sobre Livros” foi realizado pelo sistema da Biblioteca Cleber Teixeira, em que analisamos os livros de cada uma das seis editoras que possuía uma maior quantidade de livros nesta seção: Ateliê Editorial, Cosac Naify, EdUSP, Gustavo Gili, Nova Fronteira e Edições Rosari. Assim, foram estudados 22 livros do total que se recuperou pela análise de dados, que eram 40 anteriormente. Observamos os assuntos destes livros e de que forma estariam relacionados ao processo de produção de livros artesanais da Editora Noa Noa.

Assim o que queremos estudar é esta seção específica que, em sua maioria, trata sobre a produção de livros e pode ter sido subsídio para o trabalho de uma editora artesanal. Esta seção da Biblioteca Cleber Teixeira, “Livros Sobre Livros”, se dedica à história da impressão de livros, e por ser uma temática muito específica, após uma análise das editoras deste estudo, verifica-se que existem algumas editoras acadêmicas nesta parte da coleção. Estas editoras estão nesta categoria por possuírem projetos de publicação do conhecimento que são gerados, muitas vezes, por pesquisas acadêmicas, como esta pesquisa de mestrado. Estudaremos a seguir, quais foram as suas temáticas e quais as características dos assuntos que puderam ser destacados por esta pesquisa.

A partir dos temas que foram verificados e relacionados, os principais assuntos observados por esta vasta coleção de livros foi o foco na história da produção dos livros, além de vários destes fazerem um percurso de como foi a história da escrita desde aspectos-chave da história da linguagem até a invenção de tipos móveis. Como em alguns destes livros vimos

algumas das principais classificações tipográficas existentes - por exemplo, as diferenças dos tipos em com e sem serifa, que são tracinhos abaixo de cada letra - compreendemos que a classificação dos tipos, em serifados e sem serifa, é a principal forma de diferenciação destas letras, e, através destes livros, se percebeu que os tipos foram surgindo conforme foram se criando novos jeitos de impressão. Alguns destes livros falam ainda da tipografia moderna, e de como os novos tipos foram aparecendo, nos é informado até mesmo, que geralmente, a cada novo tipo descoberto era dado o nome de seu precursor.

A maior parte destes livros que Cleber Teixeira pode ter usado para a produção artesanal tratava, quase que em sua maioria, sobre a tipografia em suas várias nuances e da sua profundidade, este foi o assunto que aparecia em mais livros, dos 40 pesquisados, como visto anteriormente. Existem até mesmo alguns guias com as formas de editar livros, além de abordarem a história da impressão conforme foram feitas durante os anos e como se renovam pelo impacto das tecnologias de cada época.

Muitos livros desta seção trazem esta mesma trajetória, sempre com a visão de cada autor, ou seja, abordam basicamente o mesmo assunto, mas de formas diferentes e cada qual com a sua especificidade. Muitos destes livros podem ter sido os precursores em impressos sobre o tema de impressão de livros, pois existem até hoje, poucos livros sobre este assunto de produção artesanal de impressos. Geralmente os livros que falam sobre estão focados apenas na história destes e não nas técnicas que eram utilizadas, por isso o editor deve ter encontrado dificuldade em encontrar guias sobre produções tipográficas.

O assunto mais presente nos livros em geral da seção de "Livros Sobre Livros" foi "Artes gráficas", e apesar desta biblioteca possuir uma seção exclusiva para "Obras de referência", estes guias e encyclopédias são, podemos dizer, as bibliografias de artes gráficas do design. Estes livros são tratados como raros hoje em dia, pois algumas editoras que o produziam podem não existir mais, e, com a internet, muitos editores podem tratar deste assunto como ultrapassado. Além disso, alguns livros fazem relações entre a língua e sua representação na forma escrita, este parece ser um assunto que Cleber Teixeira tem um apresso, pois há também os livros que falam sobre como utilizar a linguagem nos livros e a interpretação destes tipos, como se fossem pegadas dos vários tempos da humanidade, desde os primórdios de nossa era até a abundância tipográfica da modernidade.

Este poderia ser até mesmo um paralelo com os novos modos que foram se criando para impressão de livros em larga escala, mas agora a diferença é que são utilizados computadores para isso, mas que, como já mencionado, aqueles feitos pelas editoras artesanais possuíam uma dedicação maior em cada edição de seus livros. Somado a isso, o

processo editorial destes livros era bem mais vagaroso, e era este mesmo o intuito, além da intenção de deixar seu legado à história gráfica brasileira, pois cada um deles tinha sua própria identidade tipográfica.

Ao final deste exposto e de observarmos vários assuntos que tratam da história editorial, todos mostraram-se mais do que imprescindíveis para a compreensão dos vários processos da impressão dos livros para nossa sociedade. E ao aproximar estas temáticas das que utilizei para a dissertação, verificou-se a importância de pesquisar a história dos livros, pois o que se vê é que geralmente são suprimidas ou negligenciadas. Mas como são objetos culturais, os livros das seções que foram tratados e agrupados agora pela Biblioteca Cleber Teixeira devem ser levados em consideração para contar a história editorial brasileira e catarinense.

Na próxima seção apresentamos as conclusões deste trabalho, e, após, seguem os apêndices com o produto final, que consiste em um repertório bibliográfico com múltiplos sentidos. Neste repertório, procurou-se enfatizar as informações dos assuntos dos livros que foram recuperados com esta pesquisa, em que julgamos que dos 40 livros analisados pelo sistema axiológico, 22 podem ter sido utilizados para as produções de Cleber Teixeira. Como veremos a seguir, este repertório foi elaborado em forma de resumos informativos, organizados por ordem alfabética do nome da editora e conforme as suas referências. A principal função deste repertório bibliográfico é facilitar a pesquisa das informações sobre a seção “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira.

O repertório quer ser uma homenagem às práticas editoriais do editor ARTEsanal Cleber Teixeira, uma possibilidade de um “lugar das memórias” na categoria das editoras artesanais catarinense e brasileira (conhecidas ou desconhecidas), ao ser considerada uma fonte de informação histórica, econômica, política ou social. No campo dos estudos da Ciência da Informação, constitui-se em uma fonte de informação no sentido da existência e visibilidade que dá às editoras artesanais no contexto globalizante da produção da informação e circulação do conhecimento contemporâneo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa intentou responder quais os principais temas da seção de “Livros Sobre Livros”, e se estes livros que constituem uma parte da Biblioteca Cleber Teixeira poderiam ter contribuído para práticas dos trabalhos desse editor artesanal. Ao tentar refazer os passos deste editor artesanal, mergulhamos nos principais temas dos e podemos perceber que sim, estes livros podem ter auxiliado o editor em sua empreitada, mas não se limitando a apenas a isso. A partir dos temas apresentados nos livros deste editor, podemos perceber suas práticas adotadas e se podem ter auxiliado o fazer artesanal do mesmo. E tratando-se de uma biblioteca que o ajudava neste trabalho, acreditamos que muitos destes livros pesquisados devem ter auxiliado muito na construção das produções de Cleber Teixeira.

Por não termos um outro meio de saber se, de fato, o editor utilizou seus livros - apenas revendo suas entrevistas e lendo textos a respeito de Cleber Teixeira - é que se vislumbram os assuntos que mais o instigavam no seu fazer editorial. Assim, foram a partir dos principais temas identificados na seção, que presumimos aqueles que foram mais utilizados para a impressão dos livros de Cleber Teixeira. Muitos dos seus livros eram sobre a história da impressão dos livros, assim, concluímos que estes livros possuíam assuntos que interessavam tanto a um bibliófilo quanto ao próprio editor de livros. O próprio adquiriu seus próprios livros e assim constituiu esta biblioteca pessoal, que provavelmente foram obras e outros materiais determinantes para seu mundo do trabalho – a produção de livros artesanais.

Referente ao primeiro objetivo que maior parte destes livros, como foi constatado, iniciavam, basicamente, da mesma forma, mas buscavam sempre explicar algum tema mais específico, sobre algum tipo móvel que surgiu e de sua história ou temas que eram sobre design, de como produzir um livro. Os temas que foram tratados na seção de “Livros Sobre Livros” vão de assuntos bem específicos, como as serifas das letras, até os vários assuntos que abrangem o campo do design. Os assuntos mais vistos foram sobre: artes gráficas, tipografia, história de editoras e livrarias, além dos editores que foram cruciais na história da tipografia brasileira. O assunto que foi várias vezes identificado em sua maioria nestes livros, era interligado pelo conceito da tipografia, ao entrelaçar estes temas tentou-se achar uma semelhança entre eles percebemos que se completavam entre si.

No tocante ao segundo objetivo que foi levantar informações sobre as editoras que faziam parte da seção pesquisada foram: Ateliê Editorial, Cosac Naify, EdUSP, Gustavo Gili,

Nova Fronteira e Edições Rosari. Muitas das editoras desta seção eram universitárias, e uma das que mais apresentou livros sobre a história das editoras e livrarias foi a EdUSP, abordando temas bem específicos, graças às pesquisas na área da história de diversas editoras e livrarias brasileiras. Outro livro que deve ter sido usado como fonte para as produções de Cleber Teixeira da EdUSP é *A aventura do livro experimental*, um dos únicos que tratavam do tema editoração, e que traz os diversos tipos de suportes para a leitura e tratava exatamente deste suporte que conhecemos como livro.

Muitos destes livros podem ter servido como manuais para a produção de livros de Cleber Teixeira, a exemplos os livros *O livro e o designer I: embalagem, navegação, estrutura e especificação* e *O livro e o designer II: como criar e produzir livros*, ambos das edições Rosari. Esta editora foi a que obteve um número maior de obras, e verificou-se que quase todas elas tinham assuntos pertinentes para um editor de livros. Após pesquisas feitas sobre estes livros, verificou-se que existem ainda edições que são feitas e com preços bem acessíveis.

Assim como estes livros, outros podem ter sido usados com o mesmo intuito de descobrir como eram realizadas as impressões de livros, que relatam os primórdios da indústria gráfica, como o *Teoria y práctica de la tipografía con nociones de las industriais afines: Manual para aprendices y oficiales*, da editora Gustavo Gili. Além destes livros, que devem ter auxiliado o editor a aprender a teoria do ofício de tipógrafo, outro livro que fala mais especificamente sobre esta prática tipográfica, o *Guia del maquinista tipógrafo*. Já estes livros, por serem mais antigos, são difíceis de se encontrar, e, a constar, os deste acervo estão até bem conservados pelo tempo de uso. Além destes, existem ainda outros dois livros da mesma editora que tratam da tipografia: *Tipografía: función, forma y diseño* e *O que é tipografia?* Estes, como são encadernações mais novas, são mais fáceis de se encontrar.

Além destes há outro livro da editora Cosac Naify³ que retrata em exclusivo dos temas diagramação e projetos tipográficos, que é o *Pensar com tipos*. Este é um dos mais peculiares e mais próximos das impressões de Cleber Teixeira, pois sua capa é feita com tipos diferentes, no intuito de trazer diferencial para cada livro. Ademais, outro livro que falava mais em específico sobre a editoração era *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*, da editora Nova Fronteira, este trazendo mais a questão da formatação destes textos. O universo da editoração é bem abordado em que focalizam mais nas etapas da produção do livro, na diagramação e na estrutura dos livros, bem como em quais as especificações técnicas

³ A editora encerrou suas atividades editoriais em 2015, depois de quase 20 anos em atividade.

necessárias para se fazer um livro.

Existem muitos outros temas que foram vistos nesta seção, mas os principais foram mencionados acima e, com base nestes assuntos que são poucos percebidos em nosso dia-a-dia, sejam pelas novas tecnologias do modo de impressão que podem dominar, ou pela forma que muitos livros foram ou não registrados e disseminados até os dias de hoje. Como se percebeu durante esta pesquisa as editoras que foram identificadas nestes livros, eram quase em sua maioria editoras acadêmicas e especializadas em artes e cultura. Poucas que são consideradas independentes que estão de alguma forma preocupadas em levantar certas discussões em seus livros, como memória gráfica, onde quase que somente existem pesquisas sobre este assunto e poucos autores de referência neste tema.

Chamou minha atenção sobre as pesquisas realizadas nos sites destas editoras que, em muitos deles, os temas de memória gráfica e tipografia eram vistos até mesmo como assuntos gerais das categorias destas editoras em seus menus. Por conta disso, acredita-se que são assuntos que possuem muita relevância para estas editoras. Dentre elas observou-se que muitas veem uma certa relevância em levantar estas temáticas em seus livros, seja por saudosismo, pelo registro da memória gráfica de suas editoras, ou por haver um nicho comercial que procuram por estes temas. Esta foi uma constatação que se mostrou uma surpresa, e algo que não era esperado: o fato que algumas destas editoras comerciais, independentemente de estarem tratando de outras editoras que poderiam ser vistas como suas concorrentes, publicavam mesmo assim a história destas concorrentes por serem relevantes para a história editorial do Brasil.

Esta parte tem como principal razão trazer as reflexões do processo da pesquisa em si e o meu vivenciar o curso de mestrado neste Programa de Pós-Graduação inscrito no cenário do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Mesmo com todos os percalços trazidos por este cenário, foram de grande proveito todas as matérias e discussões feitas ao longo destes dois anos de mestrado. Este estudo, assim como o repertório bibliográfico, foi realizado a partir de várias discussões durante as aulas das disciplinas do mestrado, que, mesmo à distância, foram muito relevantes para a confecção da pesquisa, bem como as rodas de conversa, todas online, com os colegas e professores do curso como de outros centros.

Outro momento muito importante a destacar foram os encontros e estudos de forma online realizados pela professora e minha orientadora Gisela, na disciplina eletiva Educação e Bibliotecas, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UDESC) momentos em que eram trazidos textos a serem debatidos, assim como outros assuntos que se relacionavam com nossas pesquisas. Todos do grupo acabavam por darem suas opiniões sobre as pesquisas, o

que permitia com que cada um desse sugestões. Dessa forma, em vários desses momentos, fizemos discussões sobre os textos que trouxe em meu trabalho. O mesmo ocorreu nas próprias disciplinas do mestrado profissional em que precisávamos apresentar nossa pesquisa, estas eram as que mais nos faziam pensar na elaboração da pesquisa e da própria dissertação.

Após realizar uma breve análise daquilo que poderia estudar, visitei o espaço da Biblioteca, e o que pude perceber indo novamente até lá e já sabendo quais livros eu precisaria encontrar, é que sempre acabamos descobrindo coisas novas olhando para as mesmas coisas, pois somos seres diferentes do que éramos no passado. Assim, o que senti foi uma sensação de estar em casa novamente, mas agora as estantes estavam bem mais organizadas e como eu já sabia onde os livros estariam por ter ajudado a organizar este acervo, ficou ainda mais fácil achá-los. Além disso, com a nova forma utilizada para disposição e localização destes realizada pelo trabalho dos funcionários do Instituto, tornou-se uma tarefa muito mais rápida e tranquila.

A Biblioteca Cleber Teixeira e a própria seção de “Livros Sobre Livros” foram sendo construídas por projetos, e foi a partir do projeto de extensão ao qual fiz parte, “Editora Artesanal: contando sobre a arte gráfica na Editora NOA NOA”, que pude perceber a existência das editoras artesanais, do contrário, talvez não tivesse feito esta escolha para a pesquisa. Além disso, percebi que vários outros livros podem não ter passado pelo tratamento que participei, anteriormente realizado, e que o montante de livros estudados poderiam ser até maior do aquele que foi recuperado, pois até porque a biblioteca ainda está sendo organizada. Por outro lado, vários outros livros que estão em outras seções desta mesma biblioteca poderiam fazer parte desta seção que estudei, pois, querendo ou não, o próprio colecionador deixa suas marcas em sua coleção, ao ser possível verificar que as temáticas destes livros estavam rondando sempre um assunto.

Em relação a esse objeto que tentei juntar dois assuntos que se ligam: o dono dos livros desta seção e os temas que esses livros possuíam. Essa escolha se dá porque não teria como desvincilar a pessoa, o editor e sua coleção de livros. Alguns dos livros que foram pesquisados nesta seção eram sobre a história dos próprios editores e de pessoas que cruciais para a história da tipografia, sendo parte da história de grandes editoras de nosso país. Um dos objetivos específicos do estudo era compreender como os livros que foram identificados na seção de “Livros Sobre Livros” como parte de uma memória das práticas do editor artesanal Cleber Teixeira, que após estas constatações afirmamos que foram utilizados pelo fazer artesanal dos livros deste editor, assim como agora, estes mesmos livros trazem a riqueza de temas acerca da própria impressão de livros. Com o intuito do presente estudo, também

pretende-se divulgar e promover visibilidade à Biblioteca Cleber Teixeira como espaço relevante para a memória editorial e cultural catarinense e brasileira.

Assumo dizer que tratei de um dos tantos locais até então esquecidos pela nossa sociedade, assim, é mais do que um dever, mas uma responsabilidade como profissional da informação, fazer chegar aos cidadãos e usuários todas as informações destes espaços. Ao tornar estes espaços mais conhecidos, como uma biblioteca tão rica em assuntos culturais, é muito mais do que uma mera obrigação, pois para que outras gerações tenham acesso a diversos tipos de cadeias de impressão, e que não sejam esquecidos como eram elaborados os livros antigamente. Existem muitos outros motivos para a preservação tanto do acervo da Editora Noa Noa como dos livros da Biblioteca Cleber Teixeira, principalmente em se tratando da difusão de suas informações.

Apesar das discussões sobre memória serem quase que esquecidas por nossa sociedade, além das editoras artesanais serem assuntos que não são tratados por muitos autores em nosso país, com toda a certeza, estas editoras são mais do que relevantes para a memória gráfica e editorial brasileira. Por fim, sabemos que hoje existem poucas destas editoras artesanais espalhadas pelo Brasil, infelizmente, pois, como pudemos perceber, é um difícil trabalho, em que apenas os mais apaixonados por este tipo de arte se atreveriam a fazer. Aquelas editoras artesanais que persistem precisam de muito esforço para continuarem ativas, pois são parte de um ramo muito peculiar da produção de livros, geralmente focando em edições especiais para grupos específicos e colecionadores.

Acredita-se que existem várias discussões que poderíamos elencar, mas esta pesquisa seria uma forma para se conhecer a realidade de algumas das editoras artesanais que estiveram no Brasil, e como foram determinantes para as questões culturais em nosso país. Apesar de observar, com certa surpresa, novamente que existem alguns estudos e artigos feitos a partir de pesquisas e projetos feitos para a biblioteca, são poucos os que são difundidos para o público em geral. Este cenário, pode ter sido pior em algum momento, mas com o passar do tempo se percebeu a necessidade de tratar da memória dos acervos, assunto este primordial para entendermos como as coleções foram sendo construídas, do porquê de existirem e do dever de sempre serem relembradas para serem preservadas.

Ao revisitar este local que foi parte de minha carreira profissional, onde entrei sabendo muito pouco de como funcionava uma editora artesanal, após toda esta bagagem da pesquisa, que este lugar traz ainda mais que encanto, pois o editor da Noa Noa remava contra a corrente ao fazer seus livros ele próprio em sua casa, sendo, infelizmente ainda mais hoje em dia, poucos os que têm conhecimento da sua existência. Muitas das vezes não nos damos

conta da importância destes lugares para a memória de nosso país, e de como podemos fazer todos estes lugares serem relembrados.

Como uma forma de homenagear Cleber Teixeira, sua história e biblioteca, este produto é um repertório bibliográfico dos livros que julguei terem sido utilizados para a produção artesanal de livros do editor. A proposta se baseia nos livros que consultamos para esta pesquisa, com base nos temas mais recorrentes e das editoras que mais apareceram. Tratei dos temas aqui vistos com base nas práticas editoriais de Cleber Teixeira, de um modo mais abrangente, pois não é meu propósito encerrar esta discussão através deste estudo. Creio que este é o início de uma análise desta coleção de livros, em que o sistema axiológico proposto, poderá ser utilizado também para as outras obras das seções que a biblioteca possui - que deveriam também passar por todos os seus documentos, pois, saberíamos ainda mais sobre estes livros e das seções da biblioteca.

O que se pode inferir, a partir dos achados dessa investigação, é que existem muitos pontos positivos para a construção e preservação da memória por meio destas coleções que falam em específico de como eram produzidos os livros, como esse exemplo trazido através da biblioteca de um editor artesanal que colecionou livros sobre a história da tipografia e impressão brasileira. Como conclusão desta pesquisa, levantaram-se questões sobre os espaços de memórias, como na antiga casa de Cleber Teixeira, e a partir de seus livros produzidos e colecionados, que devem ser preservados para quem os quiser conhecer.

Além disso, as editoras artesanais e seus editores precisam de mais visibilidade por fazerem parte da memória editorial do Brasil, que se mostrou um ramo bem peculiar. Muitas disciplinas poderiam trazer esta preocupação, inclusive a Biblioteconomia, para tratar estas editoras como um de seus temas. As pesquisas como as que proponho precisam ser cada vez mais encorajadas e divulgadas, pois quanto mais divulgação estes espaços tiverem em nossa sociedade, melhor será a consciência sobre estes lugares de memória. Este estudo se mostrou relevante para minha formação como pesquisadora, ao focar em assuntos que não pensei serem discutidos dentro deste cenário, como as próprias editoras artesanais.

Por ser uma coleção que está localizada na própria editora de Cleber Teixeira, a trajetória deste ambiente também é pertinente para este estudo, para que o espaço ocupe o seu lugar de memória. Os objetos que estão neste local precisam ser preservados, bem como este lugar de memória, para relembrarmos da história que as editoras artesanais e da própria coleção de livros deste editor deixaram como legado para Florianópolis e Santa Catarina. Por fim, creio que todos os acervos contêm produtos da sua própria história, quando tratamos de uma editora artesanal e de seu acervo, há muito mais do que uma mera preocupação para se

preservar todos os tipos de editoras, mas também uma forma de para serem lembradas agora pelas memórias que deixaram. Tanto os livros destas editoras quanto os livros de seus próprios editores.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Adelma Ferreira de. **Rubens Borba de Moraes e José Mindlin**: bibliofilia como patrimônio informacional. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25239>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Teorias e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 9-34, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/WUh9GD>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento. Bibliofilia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 38-57, 2018. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34496>. Acesso em: 1 fev. 2022.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SOARES, Alcenir Reis; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento. Bibliofilia e livros raros: uma abordagem histórico-cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **19º Encontro...** Londrina: ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103449>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- ATELIÊ Editorial. A arte do livro. **Home**. Disponível em: <https://www.atelie.com.br/>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- BIBLIVRE. Página Principal. Sobre Biblivre. **O programa**. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://www.biblivre.org.br/index.php/sobre-biblivre/o-programa..> Acesso em: 26 fev. 2022.
- CERA, Rafaela Biff. **O editor de livros inviáveis**: Cleber Teixeira leva ao limite a máxima de Mallarmé de que poesia é feita de palavras – letra a letra.. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/outras/cleber.html#.YfmeMurMLIX>. Acesso em: 1 fev. 2022.
- CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Caderno de museologia**, n. 2, 1994. p. 29-47.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- CIRNE, Thiago. Bibliotecas Particulares. **Biblioo**: cultura informacional. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <http://biblioo.info/bibliotecas-particulares>. Acesso em: 15 out. 2021.

CRENI, Gisela. **Editores artesanais brasileiros**. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: FBN, 2013.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.

_____. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. O que é a história do livro? Revisitado. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155 – 169, jan./jun., 2008.

EDIÇÕES Rosari. **Sobre a Rosari**. Disponível em: <http://www.rosari.com.br/sobre-a-rosari.asp>. Acesso em: 20 abr. 2021.

EDIOURO Publicações. Selos. **Nova Fronteira**. Disponível em: <https://www.ediouro.com.br/selos/nova-fronteira>. Acesso em: 20 abr. 2021.

EDITORIAL Gustavo Gili. **Nosotros**. Disponível em: <https://ggili.com/nosotros>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FARIAS, Ismael et al. A importância das primeiras tipografias no Brasil para a construção da memória e do patrimônio social. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15., 2012, N/Ne. **15º Encontro...** N/Ne: EREBD, 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/47370>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Entre a materialidade do livro e a interatividade do leitor: práticas de leitura. **RDBCi**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 12, n. 2, p. 5–19, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbc/article/view/1611>. Acesso em: 23 jan. 2021.

GUEDES, Vânia; BORSCHIVER, Suzana. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: ICI/UFBA, 2005. Disponível em: http://www.cinform-anteriores.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf. Acesso em: 30 mai. 2021.

INSTITUTO CASA CLEBER TEIXEIRA (Florianópolis). **Catálogo da Editora Noa Noa em formato digital.** Editora Noa Noa. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <http://www.editoranoanoa.com.br/catalogo/>. Acesso em: 9 abr. 2022.

_____. **Editora Noa Noa.** [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <http://www.editoranoanoa.com.br/>. Acesso em: 7 out. 2021.

_____. **Manual de procedimentos para organização e catalogação acervo da biblioteca Cleber Teixeira.** Editora Noa Noa. Manual Processos Biblioteca Noa Noa, v.1, jan./2020.

JOSGRILBERT, Fábio B. **Cotidiano e invenção:** os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras, 2005.

LACERDA, Ana Regina Luz. A importância das bibliotecas particulares incorporadas aos acervos públicos: as coleções da biblioteca central da Universidade de Brasília. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. CBBD, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/825/964>. Acesso em: 29 abr. 2019.

LAMPE, Leila. **A literatura a partir da tipografia:** o peso das palavras em armadura, espada, cavalo e fé, de Cleber Teixeira. 2016. 224 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 1994.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Sobre objetos, memórias e mapas conceituais: algumas questões para reflexão. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **19º Encontro...** Londrina: ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102301>. Acesso em: 30 nov. 2020.

MENDONÇA, Ismael Lopes. **A tipografia como manifestação cultural.** 2018. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36384>. Acesso em: 30 nov. 2020.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista Bibliotecon.** Brasília, v. 6, n.1, p. 39-52, jan./jun, 1978.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz.** 5. ed. São Paulo: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2018.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp. 1. sem., p. 87-104, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p87>. Acesso em: 1 fev. 2022.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História.** São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 25 nov. 2020.

NORA, Pierre. Memória colectiva. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Orgs.). **A história nova**. Coimbra: Almedina, 1990.

NUNES, Guilherme de Castilhos et al. Organização e preservação de acervos: Editora Noa Noa. **Revista ACB**, Criciúma, n. v. 21, n. 3, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1230/pdf>. Acesso em: 8 dez. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINHEIRO, Ana Virginia. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. In: ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, 1., 2012, Rio de Janeiro; ENCONTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO, 3., 2012, Rio de Janeiro. **Apresentações**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eepc/3eepc/paper/view/316/309>. Acesso em: 20 jan. 2022.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSA, Camila Nunes da; BARCELLOS, Marília de Araujo. Editoras artesanais: notas e reflexões acerca dos processos de criação e produção de livros. In: BARCELLOS, Marília de Araujo (Org.). **Estudos editoriais**. Santa Maria: Ed. pE.com UFSM, 2017.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Editora da Universidade de São Paulo. **A EdUSP**. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/a-edusp/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

VERGUEIRO, Waldomiro. Desenvolvimento, gerenciamento ou gestão de coleções: uma tarefa cada vez mais necessária. In: MELLO, Josiane; ALMEIDA, Josiana Florêncio Vieira Régis de (org.). **Gestão de coleções em unidades informacionais**. Natal: IFRN, 2017. cap. 2, p. 39-74.

VERRI, Gilda Maria Whitaker; RODRIGUES, Lígia Santos da Silva. A memória dos livros dos Néris em Pernambuco. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **19º Encontro...** Londrina: ENANCIB, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/103113>. Acesso em: 30 nov. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Sistema Axiológico da Biblio filia da seção “Livros Sobre Livros”

Esta biblioteca possui temas variados que fazem parte dos documentos que foram deixados para que hoje possam ser estudados, onde muitos livros são edições que não se encontram mais e que poderiam fazer parte de um acervo de obras raras. Como uma biblioteca que possui temas diversos sobre cultura, este lugar não apenas conta a história da vida de Cleber Teixeira, mas, pela especificidade de seus livros, pode fazer parte de um cenário da memória cultural de Florianópolis, até mesmo porque a cidade possui poucos acervos com este foco.

O intuito era dar visibilidade para a seção de “Livros sobre Livros” e para a Biblioteca Cleber Teixeira, onde foi realizada esta pesquisa através da análise feita nos livros que foram recuperados quantitativamente, ao serem somados os temas mais recorrentes na seção e as editoras destes temas. Para auxiliar na confecção do repertório bibliográfico, que é o produto deste Mestrado Profissional, baseamos nossa análise nos critérios de raridade propostos por Diná Marques Pereira Araújo, Alcenir Soares dos Reis e Fabrício José Nascimento da Silveira em “Biblio filia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade” de 2018.

Escolhemos este sistema para análise dos livros por serem autores já renomados na biblio filia e por serem critérios utilizados por outras bibliotecas para identificar obras raras, tendo em vista que a própria Biblioteca Cleber Teixeira almeja ter uma seção de “Obras Raras” que em breve será construída. Portanto este pode ser um sistema para se usar em todas as outras obras da Biblioteca. Segue a análise:

Quadro 1 - Sistema axiológico da biblio filia da seção “Livros Sobre Livros”

Ateliê Editorial					
Título	Materialidade	Acesso	Proveniência	Discursos	
Livros, editoras e projetos	A encadernação deste livro é editora. pequena, em brochura com 16 × 16 cm.	Site da editora.	Publicado em 1997.	Depoimentos de 4 editores e professores da USP, a prática profissional, pesquisa e docência, uma síntese entre o conhecimento gerado na USP e a atuação no mercado editorial.	
EdUSP: Um projeto editorial	Um projeto editorial	A encadernação deste livro é com editora e	Site da editora e	Publicado em 2001.	Os autores relatam a revolução pela qual passou a Editora da Universidade de São

	capa dura e disponível reforçada, com 18 x 30 cm.	Sumário	Publicado em 2003.	Paulo, fundada em 1962. O volume mostra de que modo foram criados o logotipo, as coleções, a identidade da editora, os projetos gráficos, etc. E os caminhos que fizeram da Edusp uma das mais atuantes e influentes editoras universitárias do país.
A arte invisível: ou a arte do livro	A encadernação deste livro é está pequena, com capa dura e 7.5 x 10 cm.	Fora de estoque.	Publicado em 2003.	Este pequeno volume traz um conjunto de citações de especialistas sobre o design e a edição de livros. Uma das frases, de Richard Hendel, define bem o ofício: "Se a impressão é a arte negra, o design do livro pode ser a arte invisível".
O design do livro	A encadernação deste livro é com capa dura, 19 x 27.5 cm.	Fora de estoque.	Publicado em 2003.	O artista gráfico Richard Hendel e outros 8 designers apresentam alguns de seus mais importantes projetos visuais. Hendel analisa a escolha do formato, a seleção dos tipos, a disposição da mancha, entre outros aspectos.
Philobiblon: mui interessante tratado sobre o amor aos livros	A encadernação deste livro é está pequena, em brochura com 18 x 12 cm.	Esta edição	O livro possui dedicatória do autor/foi publicado em 2004	Contém um minucioso tratado sobre técnicas de manuseio, guarda e respeito ao livro. Traz uma autobiografia e um testamento. Além de ser um documento histórico importante, a obra ensina o leitor a se tornar um "amigo do livro".
A forma do livro: Ensaios sobre tipografia e estética do livro	A encadernação deste livro é com capa dura e reforçada, 14.6 x 23.2 cm.	Site da editora.	Publicado em 2007.	Ensaios que o tipógrafo e designer alemão Jan Tschichold escreveu entre 1937 e 1974, que abordam os vários aspectos da composição tipográfica: página e mancha, parágrafos, grifos, entrelinhamento, tipologias, formatos e papéis, entre outros. O autor alia respeito pelo texto e o cálculo das proporções para conquistar a harmonia do conjunto.
Ex-Libris: coleção Livraria Sereia de José Luís Garaldi	A encadernação deste livro é com capa dura e reforçada, 16 x 23 cm.	Fora de estoque.	Publicado em 2008.	Esta obra apresenta um conjunto de ex-libris pertencentes a José Luis Garaldi, dono do Sebo Sereia, em São Paulo. Há os da época imperial, os que pertenceram a personalidades literárias ou políticas do século XX e os que se destacam por alguma curiosidade do texto ou do desenho.
Paratextos editoriais	A encadernação deste livro, com capa dura e reforçada, 16 x 23 cm.	Site da editora	Publicado em 2009.	Gérard Genette faz neste livro um longo ensaio sobre o paratexto do texto literário: apresentação editorial, nome do autor, títulos, dedicatórias, epígrafes, prefácios, notas, entrevistas e debates sobre o livro, entre outros. Genette procura, portanto, estimular o leitor a examinar mais de perto aquilo que, às escondidas e com tanta frequência, regula nossas leituras.

Cosac Naify

Título	Materialidade	Acesso	Proveniêcia	Discursos
Elementos do estilo tipográfico	A encadernação deste livro é em brochura com tamanho grande e 22.8 x 13.2 cm.	Existem poucas tiragens e seu preço é alto.	Publicado em 2005.	Escrita e projetada pelo tipógrafo, ensaísta e poeta norte-americano Robert Bringhurst, a obra reúne e discute em profundidade os conhecimentos que a história da tipografia ocidental transformou em tradição ao longo dos últimos 600 anos. O livro contém glossário inglês-português, de caracteres, de termos tipográficos, de designers de tipos, de fundições tipográficas, e catálogos de fontes com e sem serifa.
O design brasileiro: antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960	A encadernação deste livro é diferente, pois tem uma proteção de capa, em brochura, além de conter pôster, e 22.4 x 17.2 cm.	Existem poucas tiragens e seu preço é alto.	Publicado em 2005	Este livro propõe o recuo ao marco zero na historiografia do design brasileiro. No primeiro volume, são discutidos projetos do ilustrador J. Carlos para a revista Paratodos; as memoráveis capas de livros de Tomás Santa Rosa; as primeiras embalagens de discos; e os baralhos da marca Copag, entre outros assuntos que expõem trajetórias fundamentais e pouco conhecidas do design no país.
O design gráfico brasileiro: anos 60	O formato do livro é distinto pois não segue o padrão de impressão A4, mais quadrado encadernação em brochura, 22.4 x 17.2 cm.	Existem poucas tiragens.	O livro possui dedicatória do autor e foi publicado em 2006.	O livro além de abordar o cenário histórico brasileiro da década de 60, trata de vários segmentos do design gráfico como identidade visual corporativa, revistas, livros, discos, entre outros.
Pensar com tipos	A encadernação deste livro é em brochura, o “Pensar com tipos” tem várias cores na tipografia da capa, 21.6 x 17.6 cm.	Existem poucas tiragens/Su mário está disponível na internet.	Publicado em 2006.	Um livro que apresenta todo o cenário do design brasileiro, permite que o leitor tenha uma visão total do que foi o design gráfico naquele tempo específico.
História do design gráfico	A encadernação deste livro é com capa dura e reforçada, tecido e serigrafia na capa e marcadores de cetim que seguem o padrão de cores no livro, e 26 x	Existem poucas tiragens e seu preço é alto.	Publicado em 2009.	A obra toma como marco zero as pinturas rupestres de Lascaux, realizadas há mais de 10 mil anos, passando pela invenção da escrita, as origens da imprensa no oriente e no ocidente, a Revolução Industrial, as vanguardas do início do século XX, chegando ao design pós-moderno e a era digital nos séculos XX e XXI. E seu discurso é construído com relatos e

22.4 cm.

Bibliográfico: 100 livros clássicos sobre design gráfico A encadernação deste livro é diferente, pois tem uma proteção de capa, com capa dura, número alto de páginas, e 29.4 x 24.6 cm.

Existem poucas tiragens e seu preço é alto.

Publicado em 2009.

exemplos sucintos e cuidadosamente selecionados, prestando-se tanto à pesquisa conceitual como à investigação factual e de repertório.

Um livro feito de livros, traz mais de cem anos de design como um almanaque ilustrado. Reúne uma seleção de cem títulos que marcaram a produção editorial e o design gráfico nos séculos XX e XXI. Cada livro recebe comentários que o contextualiza historicamente, explica sua estrutura editorial e descreve suas especificidades gráficas, além de ser reproduzido com imagens impecáveis de suas capas e páginas internas mais significativas.

EDUSP

Título	Materialidade	Acesso	Proveniência	Discursos
Ênio Silveira	.A encadernação deste livro é em brochura com 13,5 x 16 cm.	Sumário está disponível na EDUSP.	Parte da Coleção Editando o Editor e foi publicado em 1992.	Este livro aborda depoimento sobre a indústria editorial brasileira: uma conversa sobre livros, literatura, repressão política, personagens do meio editorial e abordagem de uma das mais importantes casas editoriais do país, a Civilização Brasileira. A atuação de Ênio marcou definitivamente a edição de livros no país mais de 2 mil livros editorados e a história da oposição brasileira ao regime militar nas décadas de 1960 e 1970.
Flávio Aderaldo	.A encadernação deste livro é em brochura com 13,5 x 16 cm.	Fora do catálogo da EDUSP/Está esgotado na COM-ARTE.	Parte da Coleção Editando o Editor e foi publicado em 1992.	O editor que participa do segundo volume da coleção é Flávio George Aderaldo, da Editora Hucitec, que tem se destacado na edição de ensaios, sobretudo nas áreas de ciências sociais, história e linguística, publicando títulos nacionais e estrangeiros fundamentais.
Arlindo Pinto de Souza	.A encadernação deste livro é em brochura com 13,5 x 16 cm.	Sumário está disponível na EDUSP e está fora de estoque.	Parte da Coleção Editando o Editor e foi publicado em 1995.	O ofício de Arlindo vem desde os tempos da tipografia de seu pai, seguidor da tradição portuguesa de edições populares. Com exceção das produções artesanais, a Luzeiro é a única, em todo o Brasil, a publicar folhetos de literatura de cordel e de literatura popular em geral. A edição inclui reproduções de capas de livros e folhetos da editora, com a linguagem gráfica característica das publicações desse tipo.
Em busca de um tempo perdido:	A encadernação deste livro é em .	Indisponível	O livro possui	Este livro investiga a produção da Editora Globo, de Porto Alegre, entre os anos de

edição literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)	de brochura com 21 x 22 cm.	Sumário	dedicatória do autor, é parte da Coleção Memória Editorial e foi publicado em 1999.	1930 e 1950, relatando a trajetória da editora e recuperando preciosos documentos gráfico-visuais, como capas e páginas de rosto, muitas delas reproduzidas nesta edição. A autora faz uma análise do mercado e da produção editorial, apresentando dados sobre o número de títulos publicados, as tiragens, características gráficas, tipos de papel, formatos etc., detendo-se especialmente na literatura estrangeira traduzidas.
Jorge Zahar	.A encadernação deste livro é em brochura com 13,5 x 16 cm.	Sumário	Parte da Coleção Editando o Editor e foi publicado em 2001.	Este livro traz depoimentos de Zahar sobre sua vida e sua carreira como editor independente, além de boas histórias extraídas de sua experiência na relação editor-autor. Jorge Zahar (1920-1998) ocupou lugar de destaque na história contemporânea das ciências sociais do Brasil, como editor especializado na área.
Cláudio Giordano	.A encadernação deste livro é em brochura com 13,5 x 16 cm.	Sumário	Parte da Coleção Editando o Editor e foi publicado em 2003.	Apresenta o depoimento de Cláudio Giordano, relembrando seus doze anos de atividades editoriais à frente da Giordano Editora, seu trabalho como tradutor, a criação da Oficina do Livro, a organização das revistas Nanico e Revista Bibliográfica & Cultural, entre outras atividades ligadas ao mundo do livro e da cultura. Sua atividade editorial é marcada pela paixão pelo livro e pela preocupação com a memória da edição no Brasil, trabalho que desenvolve de forma solitária e incansável.
A aventura do livro experimental	Capa dura e 22 x 26,8 cm.	Sumário	Publicado em 2010	Uma viagem pelo panorama descritivo e ilustrado da história do livro, valorizando a arte e a experimentação dos suportes de leitura, seus grandes pioneiros, estilos de vanguarda e evoluções editoriais. A autora apresenta mais de oitenta ilustrações que ajudam a compor uma linha do tempo editorial. Em seguida, se ocupa de nomear os profissionais que tornam possível a realização material do objeto livro, inclusive aqueles conhecidos por sua grande contribuição para a história da editoração, e discorre sobre algumas funções e definições do livro.
Samuel Leon	.Brochura com 13,5 x 16 cm.	Sumário	Parte da Coleção Editando o Editor e foi publicado	O editor, nascido na Argentina em 1952, chegou ao Brasil em 1976, e depois de dedicar-se a várias atividades, fundou em 1987 a editora Iluminuras com a ajuda de amigos, dedicada aos livros de literatura e

<p>Rei do Livro: A encadernação deste livro é em brochura com 21 da leitura no Brasil</p>	<p>em 2010.</p>	<p>de filosofia. A entrevista que deu origem a este livro foi realizada em 2002 por Raquel Mayton Vicentini, e nela o editor consegue contar em pequenos capítulos desde os fatos que o influenciaram a escolher a carreira até sua opinião sobre temas referentes ao mercado editorial.</p>
	<p>O livro possui dedicatória do autor, é parte da Coleção Memória Editorial e foi publicado em 2016.</p>	<p>Aníbal Braga reúne, neste volume, artigos de diversos autores do campo multidisciplinar da história do livro, da leitura e da edição. Juntos, revelam a história da livraria-editora e a importância de sua presença na vida literária e educacional, contribuindo para a formação da cultura lettrada brasileira. Com foco na atuação do livreiro-editor Francisco Alves de Oliveira, a obra também aborda as práticas editoriais, em particular no que se refere aos direitos autorais e relação com os autores.</p>

Gustavo Gili

Título	Materialidade	Acesso	Provenien cia	Discursos
Teoría y práctica de la tipografía con nociones de las industriales afines: Manual para aprendices y oficiales	A encadernação deste livro é com capa dura e 15 x 22 cm.	Existem poucas tiragens em sites de livros raros.	Publicado em 1945.	Relata os primórdios da indústria gráfica, desde as prensas de Gutenberg, que serviria como um guia para futuros tipógrafos. Uma das primeiras edições de literatura do século passado.
Guia del maquinista tipógrafo	A encadernação deste livro é com capa dura e 15 x 22 cm.	Existem poucas tiragens em sites de livros raros.	Publicado em 1958.	Um guia para futuros tipógrafos, com uma vasta e variada formação especializada em arte e como esta, foram as primeiras edições de literatura do século XX.
Tipografía: función, forma y diseño	A encadernação deste livro em brochura com 22.8 x 13.2 cm.	Existem poucas tiragens em sites de livros raros e seu preço é alto.	Publicado em 2005.	Tipografia e sua história no Ocidente começa em 1455, com a publicação da Bíblia de Gutenberg, chamada 'de quarenta e duas linhas', embora a história da escrita e dos alfabetos remonte a milhares de anos. O livro apresenta ao leitor desde a história da linguagem e da escrita, até a invenção de tipos móveis e a evolução dos sistemas digitais de hoje.
O que é tipografia?	A encadernação deste livro é em brochura com 8.6 x 6.7 cm.	Existem poucas tiragens e seu preço é alto.	Publicado em 2007.	Apresenta as estruturas formais desta disciplina que facilitam o acesso à informação, as suas ferramentas, métodos e mecânica; analisa os distintos suportes existentes e os processos de reprodução consequentes e conclui com a análise da

obra de um eclético grupo de tipógrafos que demonstra a amplitude, riqueza e qualidade do design tipográfico na atualidade.

Nova Fronteira

Título	Materialidade	Acesso	Proveniência	Discursos
A construção do livro: princípios da técnica de editoração	.A encadernação deste livro é em brochura com 16 x 23 cm.	Existem poucas tiragens e esta edição está indisponível ..	Publicado em 1986.	Mais que um instrumento essencial para especialistas, este livro desvenda ao leitor o extraordinário universo da editoração que, apesar de antiga, é constantemente renovada pelo impacto da tecnologia.
Castro Maya: bibliófilo	A encadernação deste livro é com capa dura e 26 x 17 cm.	Existem poucas tiragens em sites de livros raros e seu preço é alto.	Publicado em 2002.	Uma homenagem à memória do fundador da Sociedade dos Cem Bibliófilos e fundador dos museus do Açude e da Chácara do Céu, no Rio de Janeiro. A presença de Castro Maya, grande incentivador das artes e da cultura do Brasil contemporâneo, é registrada e amplamente ilustrada nesta edição bilíngue.
Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens	.A encadernação deste livro é em brochura com 25.4 x 20 cm.	Existem poucas tiragens.	Publicado em 2008.	Este livro reúne ensinamentos de Rui de Oliveira, ilustrador infantil brasileiro, além de comentários sobre os principais ilustradores e os filmes de animação mais interessantes.

Título	Materialidade	Acesso	Rosari	Discursos
			Proveniência	
Gill Sans	A encadernação deste livro é em brochura com 20.6 x 13.6 cm.	Site da editora.	Publicado em 2003.	Neste trabalho, o autor nos descreve o tipo desenhado por Eric Gill (1882-1940), que ficou conhecido como Gill Sans. Mais que um desenhista de letras, Eric Gill foi escultor e escreveu obras marcantes sobre esses temas. Essa família tipográfica pode ser considerada a precursora do que se convencionou chamar de sem serifa humanista, apresentando um grau de legibilidade em textos até então obtido apenas com fontes serifadas.
B de Bodoni	A encadernação deste livro é em brochura com 20.6 x 13.6 cm.	Site da editora	Publicado em 2003.	Ele é um tipo elegante desde o final do século XVIII. Foi criado pelo artista Giambattista Bodoni, que viveu a maior parte de sua vida em Parma. Seus tipos são considerados os primeiros modernos na história da tipografia. Vale lembrar que o termo moderno aqui não corresponde ao moderno da Bauhaus e do Funcionalismo

A forma sólida da linguagem	.A encadernação deste livro é em brochura com 12 x 18 cm.	Site da editora e disponível internet.	Publicado em 2004.	<p>na Arquitetura.</p> <p>Nesta obra, o autor apresenta a história resumida da escrita e uma nova forma de classificar e entender a relação entre ela e o significado. Seu relato começa apresentando a relação entre a língua e sua representação na forma escrita a partir da interpretação das pegadas dos animais desde os primórdios de nossa era até a abundância tipográfica dos dias de hoje.</p>
A herança escultórica da tipografia	A encadernação deste livro é em brochura com 12 x 18 cm.	Site da editora.	Publicado em 2004.	<p>A hierarquia de informações da capa não é eficiente porque são utilizados dois tipos de letras de tamanhos diferentes em posições diferentes. A apresentação na abertura de capítulos, fólio, tópicos e legendas facilita porque a abertura dos capítulos tem ilustrações que seguem o mesmo padrão; e as legendas têm partes em negrito, possibilitando diferenciação.</p> <p>O uso de fotos, ilustrações, infográficos, tabelas e legendas auxilia na compreensão do conteúdo que complementam o entendimento do texto com legendas bem explicadas.</p>
Letras que bailam: Garamond	A encadernação deste livro é em brochura com 20.4 x 14.2 cm.	Site da editora.	Publicado em 2004.	<p>A Garamond é uma concepção tipográfica marcada pelo espírito do humanismo e contemporâneo ao início da ocupação portuguesa das terras brasileiras. A Garamond deixou de ser apenas uma família tipográfica para se tornar uma categoria na classificação dos tipos; assim como as Didones (de Didot e Bodoni), ela é hoje uma categoria nas classificações europeias.</p>
Tipografia comparada: 108 fontes clássicas analisadas e comentadas	A encadernação deste livro é em brochura com 27.4 x 20.8 cm.	Existem poucas tiragens e esta edição está indisponível	Publicado em 2004.	<p>No Brasil, a cultura tipográfica está desenvolvendo com vigor seu potencial e os estudos dos designers e tipógrafos sobre a área já são reconhecidos internacionalmente.</p>
Linguagens do design: compreendendo o design gráfico	A encadernação deste livro é em brochura com 21 x 16.8 cm.	Site da editora.	Publicado em 2007.	<p>O autor é editor e autor de mais de sessenta livros sobre design. Tudo em sua biografia tem dimensões exageradas. Escreve, ou já escreveu, para mais de quinze publicações, nos Estados Unidos e na União Europeia. A obra, segundo Heller, examina uma grande variedade de objetos individuais, enfocando seu significado em contextos históricos mais amplos, tanto do design gráfico</p>

O efêmero e o paródico: crônicas e ensaios sobre design	A encadernação Sumário	Publicado em 2007.	quanto da cultura popular. Claudio Ferlauto fala da importância de um designer escrever sobre design, passeia por tipografia, produto, história do design dando pinceladas certeiras inusitados. E também fala de designers que, da mesma forma, vale a pena aprofundar mais em suas histórias, opiniões e obras/portfólio.
O livro e o designer I: embalagem, navegação, estrutura e especificação	A encadernação Site da editora.	Publicado em 2007.	Esta obra reúne alguns dos mais importantes e interessantes livros publicados em diversos países nos últimos anos. São livros de arte, design, literatura e poesia. Está dividida em capítulos que enfocam as etapas da produção do livro. Cada capítulo inclui ainda uma entrevista com uma personalidade importante da indústria do livro, desde designers e editores a livreiros.
O livro e o designer II: como criar e produzir livros	A encadernação Site da editora	Publicado em 2007.	O autor escreveu um manual completo para criar e produzir livros, que contempla todos os aspectos do design editorial. São 256 páginas ilustradas com livros produzidos em diversos países e que enfocam aspectos do planejamento, criação, diagramação, acabamento e técnicas de produção.

Fonte: (ARAÚJO; REIS; SILVEIRA, 2018, p. 48); Reelaborado pela autora, 2021.

APÊNDICE B – Obras da seção “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira

AMORIM, Sônia M. de. **Em busca de um tempo perdido:** edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: EdUSP, 1999.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro:** princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAINES, Phil; Haslam, Andrew. **Tipografía:** función, forma y diseño. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2005.

BARAÇAL, Anaildo B.; BANDEIRA, Julio; MOUTINHO, Stella R. O. **Castro Maya:** bibliófilo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BARGÉS, Claudio. **Guia del maquinista tipógrafo.** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 1958.

BRAGANÇA, Aníbal. **Rei do Livro:** Francisco Alva na história do livro e da leitura no Brasil. Niterói: EdUSP, 2016.

BRINGHURST, Robert. **A forma sólida da linguagem.** São Paulo: Rosari, 2004.

_____. **Elementos do estilo tipográfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BURY, Richard de; ROLLEMBERG, Marcello. **Philobiblon:** mui interessante tratado sobre o amor aos livros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CABRINI, Conceição; GUEDES, Maria do Carmo. **Flávio Aderaldo.** São Paulo: EdUSP, 1992

CARDINALI, Luciano. **Letras que bailam:** Garamond. São Paulo: Rosari, 2004.

CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro:** antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FAWCETT-TANG, Roger; ROBERTS, Caroline. **O livro e o designer I:** embalagem, navegação, estrutura e especificação. São Paulo: Rosari, 2007.

FERLAUTO, Claudio. **B de Bodoni.** São Paulo: Rosari, 2003.

_____. **O efêmero e o paródico:** crônicas e ensaios sobre design. São Paulo: Rosari, 2007.

FERNANDES, Magali O.; MONTONE, Sonia; LARSSON, Fábio; FONTANA, Carla F. **Claúdio Giordano.** São Paulo: EdUSP, 2003.

FERREIRA, Jerusa P. **Jorge Zahar.** São Paulo: EdUSP, 2001.

FERREIRA, Jerusa P.; GUINSBURG, J. (Jacó); BOCCINI, Maria O.; MARTINS FILHO, Plínio. **Livros, editoras e projetos.** São Bernardo do Campo, SP: Ateliê Editorial, 1997.

FERREIRA, Jerusa P.; LIMA, André de O.; GONÇALVES, José I.; Akiyoshi, Mine. **Arlindo Pinto de Souza.** São Paulo: EdUSP, 1995.

FERREIRA, Jerusa P.; SENRA, Mirian; FERNANDES, Magali O.; ALMEIDA, Marta A. de. **Ênio Silveira.** São Paulo: EdUSP, 1992.

GAUDENCIO JUNIOR, Galberto. **A herança escultórica da tipografia.** São Paulo: Rosari, 2004.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GODFREY, Jason. **Bibliográfico:** 100 livros clássicos sobre design gráfico. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II:** como criar e produzir livros. São Paulo: Rosari, 2007.

HELLER, Steven. **Linguagens do design:** compreendendo o design gráfico. São Paulo: Rosari, 2007.

HENDEL, Richard. **O design do livro.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

JURY, David. **O que é tipografia?** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2007.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MARTÍNEZ SICLUNA, V. **Teoria y práctica de la tipografía con nociones de las industriales afines:** manual para aprendices y oficiales. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 1945.

MARTINS FILHO, Plínio. **A arte invisível:** ou a arte do livro. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Ex-Libris:** coleção Livraria Sereia de José Luís Garaldi. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

MEGGS, Philip B. **História do design gráfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro:** anos 60. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins Boboli:** reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental.** Belo Horizonte: EdUSP, 2010.

PIQUEIRA, Gustavo. **Gill Sans.** São Paulo: Rosari, 2003.

ROCHA, Claudio. **Tipografia comparada:** 108 fontes clássicas analisadas e comentadas. São Paulo: Rosari, 2004.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro:** ensaios sobre tipografia e estética do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

VICENTINI, Raquel M. **Samuel Leon.** São Paulo: EdUSP, 2010.

APÊNDICE C – Produto do Mestrado Profissional: Repertório Bibliográfico: A seção “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira

Mas, afinal, o que seria um repertório bibliográfico? Segundo o Dicionário do Livro (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 633) é uma “Obra de referência que apresenta informações organizadas alfabética, cronológica, topográfica ou sistematicamente, que possibilita a identificação ou localização de pessoas, organismos, lugares, documentos ou objetos numa ordem que permite encontrá-las facilmente. “ Ou seja, são obras que falam sobre outras obras, que neste caso, é um repertório dos livros que estão na seção pesquisada e que abordavam assuntos sobre a impressão de livros.

Para um acervo ser realmente útil, precisa estar em circulação, deve ser utilizado com frequência pelos usuários visando sempre o seu uso de fato para dar continuidade para a função principal destes objetos, e por estes e muito outros motivos poderiam justificar a sua preservação. Mas para estarem acessíveis aos seus usuários e que suas informações sejam recuperadas, as coleções precisam estar disponibilizadas e organizadas de forma que facilite esta localização, assim é necessário descrever todos estes documentos.

Existem muitos meios para tornar esta tarefa mais rápida e concreta, cada vez mais estão sendo utilizadas as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em unidades da informação. As TICs são mais do que pertinentes para estes e outros fins, pois existe uma infinidade de possibilidades que podem agregar em seus serviços, também aproximam o seu público do acervo. Como um exemplo que podemos relatar por esta pesquisa, onde boa parte desta análise de dados foi feita remotamente com base nas informações que estavam localizadas na página da web da Biblioteca Cleber Teixeira.

Para este fim, a biblioteca utiliza um software chamado de programa BIBLIVRE, que serve como os catálogos, usados sempre para organização e localização de materiais. Este é um software livre, ou seja, toda biblioteca pode utilizá-lo e até mesmo pode ser gratuito dependendo do pacote escolhido. Como um sistema de biblioteca, ele possibilita recuperar as informações contidas nos seus documentos, que para Darnton (1995, p. 208) “[...] um catálogo de uma biblioteca particular pode servir como um perfil do leitor, ainda que não tenhamos lido todos os livros que nos pertencem e tenhamos lido muitos livros que nunca adquirimos. “

Como um catálogo, os repertórios bibliográficos podem reagrupar as obras como um destes locais em que estão sistematizados de alguma forma, sejam pelos seus temas, pelos conhecimentos diversos, autores, desses livros. Pinheiro (1989) destaca que os repertórios

bibliográficos apresentam informações sobre obras e exemplares que dizem respeito a unicidade e raridade sob o ponto de vista de bibliófilos, colecionadores e livreiros antiquários; preciosidade e celebridade; curiosidade; preço.

Segundo Pinheiro (1989), as pesquisas em repertórios bibliográficos possibilitam conhecer:

- a) o conteúdo histórico de uma determinada obra;
- b) indicações de responsabilidade associada a uma obra: muitas vezes tais indicações são imprecisas, indetermináveis a partir da própria fonte, ou mesmo desconhecidas, como é o caso de obras fragmentadas e incompletas, por exemplo;
- c) o grau de raridade de uma obra: no caso dos repertórios, é possível obter informações detalhadas sobre edições princeps, exemplares preciosos, raros ou raríssimos, valiosos etc.

Por estes e tantos outros motivos escolhemos este formato para o produto que esta pesquisa foi destinada, com a análise terminada destes livros organizamos o repertório conforme a sua editora, título e autoria. Dessa forma, acreditamos que as informações destes livros estariam mais acessíveis, e conforme os achados desta pesquisa, muitos outros repertórios desta biblioteca podem ser realizados com este e outros intuitos.

A consulta do repertório é feita pelo nome de cada autor e de cada editora que foi pesquisada, com base nos achados que foram vistos, segue conforme a NBR 6029 - Informação e documentação - Livros e folhetos para produções de livros assim como o próprio catálogo de livros da Editora Noa Noa.

PRODUTO DO MESTRADO PROFISSIONAL

Ana Paula Antunes

REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO: A SEÇÃO “LIVROS SOBRE LIVROS” DA BIBLIOTECA CLEBER TEIXEIRA



Florianópolis
2022

REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO:

*A SEÇÃO “LIVROS SOBRE LIVROS” DA
BIBLIOTECA CLEBER TEIXEIRA*

Ana Paula Antunes

Florianópolis
2022

Este repertório é dedicado à memória de Cleber Teixeira como o editor e bibliófilo, que possui uma vasta biblioteca com vários temas específicos sobre a impressão de livros. Após conhecer este espaço mágico e repleto de histórias, é impossível não atiçarmos nossa curiosidade, assim buscamos pelos livros que eram deste editor para refazermos os passos sobre a impressão manual de livros. Esperamos que este seja o primeiro impulso para diversos outros trabalhos sobre Cleber Teixeira e sobre as editoras artesanais, assunto mais que relevante para a construção da memória do conhecimento.

EDITORAS DOS LIVROS DA SEÇÃO “LIVROS SOBRE LIVROS” DA BIBLIOTECA CLEBER TEIXEIRA

Apresentação do Repertório Bibliográfico.....	85
Ateliê Editorial.....	87
Cosac Naify.....	88
EdUSP.....	89
Gustavo Gili.....	90
Nova Fronteira.....	91
Rosari.....	92
Referências.....	95

Apresentação do Repertório Bibliográfico

Este repertório bibliográfico tem o intuito de descrever uma parte da biblioteca pessoal de Cleber Teixeira, editor, bibliófilo e amante do livro. Nas próximas páginas estão os temas, resumos e as editoras destes livros da seção “Livros Sobre Livros”.

A Biblioteca Cleber Teixeira fica localizada em Florianópolis, Rua Visconde de Taunay, número 139, no bairro Agronômica e ocupa dois andares da casa que era, originalmente, sede da Editora Noa Noa. O acervo da biblioteca é separado em oito grandes áreas (assuntos amplos das obras) e uma estante com a organização pessoal do Cleber Teixeira, editor da Noa Noa: artes visuais; livros sobre livros; obras de referências; vidas; literatura; obras raras; ciências humanas; e periódicos. (INSTITUTO CASA CLEBER TEIXEIRA, 2020).

Existem vários motivos para a preservação do acervo da Editora Noa Noa e da difusão dos livros da Biblioteca Cleber Teixeira. Por tratar-se de um espaço que se julga relevante para a memória gráfica e cultural das editoras do Brasil e, por ser uma coleção muito específica e possuir variedade de livros, muitos dos quais sendo edições que não se encontra mais acerca da história da impressão de livros, é que esta Biblioteca precisa ser preservada e divulgada como parte da memória das editoras.

Neste repertório o foco está nas informações dos assuntos destes livros que foram elaborados em forma de resumos informativos, organizados por cada editora e conforme as referências. A principal função deste repertório bibliográfico é buscar, reunir, organizar e oferecer um repertório de informações de forma prática e eficiente sobre os assuntos que Cleber Teixeira pode ter utilizado para a impressão de seus livros, com o intuito de facilitar a pesquisa e o acesso a estas e tantas outras informações.

Em seguida uma foto retirada do local ao qual retiramos as informações que seguem. Este era especificamente o espaço em que Cleber Teixeira imprimia os seus livros. Na foto vemos a prensa móvel utilizada por ele para suas impressões, como também, nas paredes estão alguns de seus materiais para este ofício, os tipos móveis guardados nas gavetas e alguns folhetos produzidos por ele.



Fonte: INSTITUTO CASA CLEBER TEIXEIRA (Florianópolis), 2020.

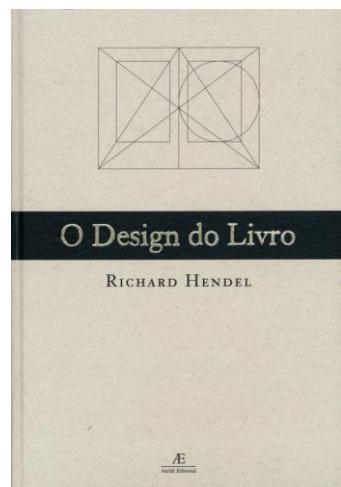
Editoras da seção “Livros Sobre Livros” da Biblioteca Cleber Teixeira

Estas foram as principais obras encontradas na seção “Livros Sobre Livros” que podem ter auxiliado Cleber Teixeira em seu ofício. Abaixo estão as casas publicadoras dos livros desta seção: Ateliê Editorial, Cosac Naify, EdUSP, Gustavo Gili, Nova Fronteira e Edições Rosari. Com este repertório pretende-se reunir e resumir os assuntos dos livros que foram verificados como relevantes para a impressão dos livros da Editora Noa Noa, assim como explicar os temas que estão nesta seção, como: artes gráficas, tipografia, história de editoras e livrarias, além dos editores que foram cruciais na história da tipografia brasileira.

Ateliê Editorial

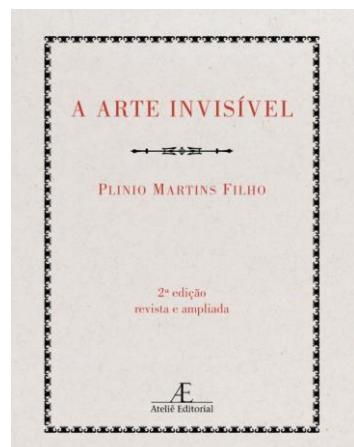
1. HENDEL, Richard. **O design do livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

A encadernação deste livro é com capa dura de 19 × 27.5 cm. O artista gráfico Richard Hendel e outros 8 designers apresentam alguns de seus mais importantes projetos visuais. Hendel analisa a escolha do formato, a seleção dos tipos, a disposição da mancha, entre outros aspectos.



2. MARTINS FILHO, Plínio. **A arte invisível**: ou a arte do livro. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

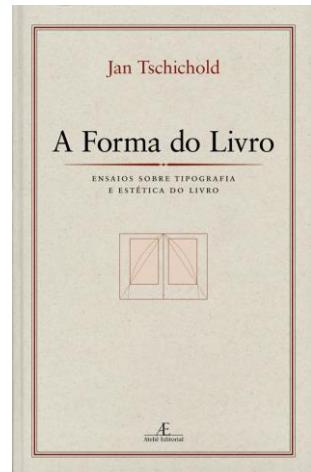
A Encadernação deste livro é pequena, com capa dura, 7.5 × 10 cm. Volume traz um conjunto de citações de especialistas sobre o design e a edição de livros. Uma das frases, de Richard Hendel, define bem o ofício: “Se a impressão é a arte negra, o design do livro pode ser a arte invisível”. Resumo do livro: trata-se de um livro de pequeno porte, com capa dura, publicado em 2003 pelo autor Martins Filho, Plínio.



3. TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro:** ensaios sobre tipografia e estética do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

A encadernação deste livro é com capa dura e reforçada, 14.6 × 23.2 cm.

Trata-se de um livro de capa dura, publicado em 2007, que aborda os vários aspectos da composição tipográfica: página e mancha, parágrafos, grifos, entrelinhamento, tipologias, formatos e papéis, entre outros. O autor alia respeito pelo texto e o cálculo das proporções para conquistar a harmonia do conjunto.



Cosac Naify

4. BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

A encadernação deste livro é grande e em brochura, com 22.8 x 13.2 cm.

Este livro sobre tipografia é escrito e projetado pelo tipógrafo, ensaísta e poeta norte-americano Robert Bringhurst. A obra reúne e discute em profundidade os conhecimentos que a história da tipografia ocidental transformou em tradição ao longo dos últimos 600 anos. O livro contém glossário inglês-português de caracteres, de termos tipográficos, de designers de tipos, de fundições tipográficas, e catálogos de fontes com e sem serifa.



5. GODFREY, Jason. **Bibliográfico:** 100 livros clássicos sobre design gráfico. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

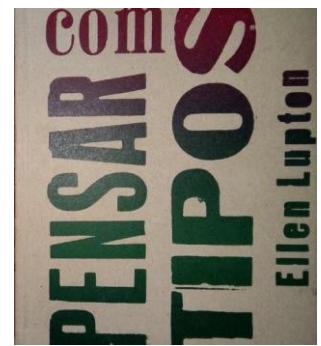
A encadernação deste livro é diferente, pois tem uma proteção de capa, com capa dura, número alto de páginas, e 29.4 x 24.6 cm.

Um livro feito de livros, traz mais de cem anos de design como um almanaque ilustrado, com uma seleção de cem títulos que marcaram a produção editorial e o design gráfico nos séculos XX e XXI. Cada livro recebe comentários que o contextualiza historicamente, explica sua estrutura editorial e descreve suas especificidades gráficas, além de ser reproduzido com imagens de capas e páginas internas mais significativas.



6. LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

A encadernação deste livro é em brochura. O “Pensar com tipos” tem várias cores na tipografia da capa com 21.6 x 17.6 cm. Que aborda tipografia com mais profundidade, isso não é verdade. A grande vantagem deste livro é a refrescada que ele dá na cabeça em conceituar e exemplificar diversos pontos da tipografia, como formação do tipo em específico, os “faça” e “não faça” e muitas outras questões, com exercícios para praticar ao final cada capítulo.



Editora da Universidade de São Paulo- EdUSP

7. BRAGANÇA, Aníbal. **Rei do livro: Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil**. Niterói: EdUSP, 2016.

O livro possui dedicatória do autor, é parte da Coleção Memória Editorial. A encadernação é em brochura, e 21 x 22 cm. Aníbal Bragança reúne, neste volume, artigos de diversos autores do campo multidisciplinar da história do livro, da leitura e da edição. Com foco na atuação do livreiro-editor Francisco Alves de Oliveira, a obra também aborda as práticas editoriais, em particular no que se refere aos direitos autorais e relação com os autores. Além disso, traz análises de publicações de sucesso e ampla iconografia, como capas, anúncios e documentos.



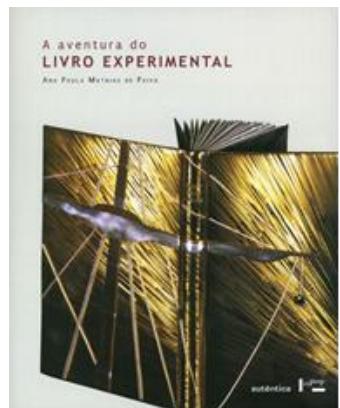
8. FERREIRA, Jerusa P.; Lima, André de O.; Gonçalves, José I.; Akiyoshi, Mine. **Arlindo Pinto de Souza**. São Paulo: EdUSP, 1995.

O livro é parte da Coleção Editando o Editor. A encadernação é pequena e em brochura, de 13,5 x 16 cm. Este é dedicado a Arlindo Pinto de Souza e a sua editora Luzeiro. Com exceção das produções artesanais, a Luzeiro é a única, em todo o Brasil, a publicar folhetos de literatura de cordel e de literatura popular em geral, mantendo viva uma produção à margem da cultura institucionalizada. A edição inclui reproduções de capas de livros e folhetos da editora, com a linguagem gráfica característica das publicações desse tipo.



9. PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental.** Belo Horizonte: EdUSP, 2010.

A encadernação deste livro é com capa dura de 22 x 26,8 cm. Uma viagem pelo panorama descritivo e ilustrado da história do livro, valorizando a arte e a experimentação dos suportes de leitura, seus grandes pioneiros, estilos de vanguarda e evoluções editoriais. A autora apresenta mais de oitenta ilustrações que ajudam a compor uma linha do tempo editorial. E dos profissionais que tornam possível a realização material do objeto livro, inclusive aqueles conhecidos por sua grande contribuição para a história da editoração, e discorre sobre algumas funções e definições do livro.

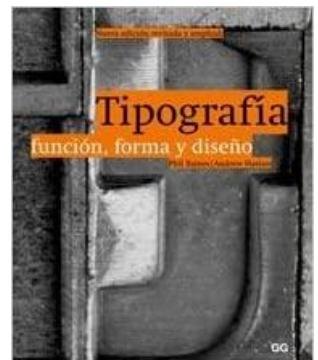


Gustavo Gili

10. BAINES, Phil; Haslam, Andrew. **Tipografía: función, forma y diseño.** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2005.

A encadernação é em brochura com 22.8 x 13.2 cm.

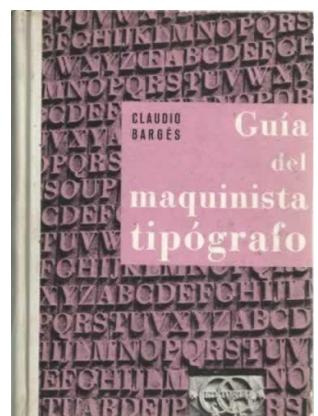
Tipografia e sua história no Ocidente começa em 1455, com a publicação da Bíblia de Gutenberg, chamada “de quarenta e duas linhas”, embora a história da escrita e dos alfabetos remonte a milhares de anos. O livro apresenta ao leitor todos os aspectos-chave do assunto, desde a história da linguagem e da escrita, até a invenção de tipos móveis e a evolução dos sistemas digitais de hoje.



11. BARGÉS, Claudio. **Guía del maquinista tipógrafo.** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 1958.

A encadernação deste livro com capa dura e 15 x 22 cm.

Um guia para futuros tipógrafos, com uma vasta e variada formação especializada em arte e como esta, foram as primeiras edições de literatura do século XX.



12. JURY, David. **O que é tipografia?** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2007.

A encadernação deste livro é brochura e 8.6 x 6.7 cm.

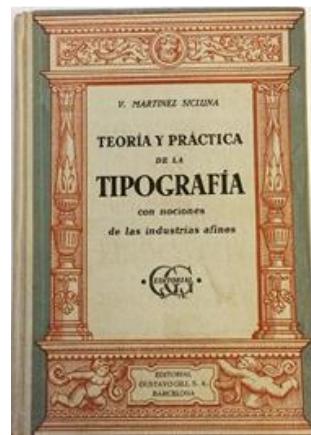
Apresenta as estruturas formais desta disciplina que facilitam o acesso à informação, as suas ferramentas, métodos e mecânica; analisa os distintos suportes existentes e os processos de reprodução consequentes e conclui com a análise da obra de um eclético grupo de tipógrafos que demonstra a amplitude, riqueza e qualidade do design tipográfico na atualidade.



13. MARTÍNEZ SICLUNA, V. **Teoria y práctica de la tipografía con nociones de las industrias afines:** manual para aprendices y oficiales. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 1945.

A encadernação deste livro é com capa dura e 15 x 22 cm.

Relata os primórdios da indústria gráfica, desde as prensas de Gutemberg, que serviria como um guia para futuros tipógrafos. Uma das primeiras edições de literatura do século passado.

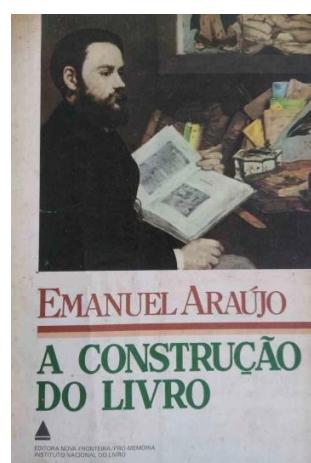


Nova Fronteira

14. ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro:** princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

A encadernação é em brochura com 16 x 23 cm.

Mais que um instrumento essencial para especialistas, este livro desvenda ao leitor o extraordinário universo da editoração que, apesar de antiga, é constantemente renovada pelo impacto da tecnologia.



Rosari

15. BRINGHURST, Robert. **A forma sólida da linguagem**. São Paulo: Rosari, 2004.

A encadernação é em brochura com 12 x 18 cm.

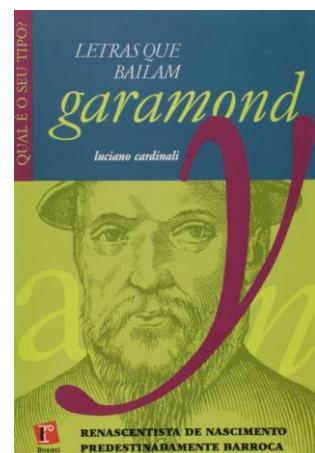
Nesta obra, o autor apresenta a história resumida da escrita e uma nova forma de classificar e entender a relação entre ela e o significado. Seu relato começa apresentando a relação entre a língua e sua representação na forma escrita a partir da interpretação das pegadas dos animais desde os primórdios de nossa era até a abundância tipográfica dos dias de hoje.



16. CARDINALI, Luciano. **Letras que bailam: Garamond**. São Paulo: Rosari, 2004.

A encadernação é em brochura com 20.4 x 14.2 cm.

A Garamond é uma concepção tipográfica marcada pelo espírito do humanismo, e contemporâneo ao início da ocupação portuguesa das terras brasileiras. A Garamond deixou de ser apenas uma família tipográfica para se tornar uma categoria na classificação dos tipos; assim como as Didones (de Didot e Bodoni), ela é hoje uma categoria nas classificações europeias.



17. FAWCETT-TANG, Roger; ROBERTS, Caroline. **O livro e o designer I**: embalagem, navegação, estrutura e especificação. São Paulo: Rosari, 2007.

A encadernação é em brochura com 25.4 x 21.2 cm.

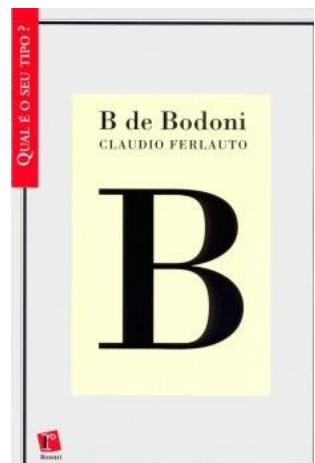
Esta obra reúne alguns dos mais importantes e interessantes livros publicados em diversos países nos últimos anos. São livros de arte, design, literatura e poesia. Está dividida em capítulos que enfocam as etapas da produção do livro. Cada capítulo inclui ainda uma entrevista com uma personalidade importante da indústria do livro, desde designers e editores a livreiros.



18. FERLAUTO, Claudio. **B de Bodoni**. São Paulo: Rosari, 2003.

A encadernação é em brochura com 20.6 x 13.6 cm.

Ele é um tipo elegante desde o final do século XVIII. Foi criado pelo artista Giambattista Bodoni, que viveu a maior parte de sua vida em Parma. Seus tipos são considerados os primeiros modernos na história da tipografia.



19. GAUDENCIO JUNIOR, Galberto. **A herança escultórica da tipografia**. São Paulo: Rosari, 2004.

A encadernação é em brochura com 12 x 18 cm.

A hierarquia de informações da capa não é eficiente porque são utilizados dois tipos de letras de tamanhos diferentes em posições diferentes. A apresentação na abertura de capítulos, fólio, tópicos e legendas facilita porque a abertura dos capítulos tem ilustrações que seguem o mesmo padrão; as legendas têm partes em negrito, possibilitando diferenciação.



20. HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. São Paulo: Rosari, 2007.

A encadernação é em brochura com 25.2 x 21.2 cm.

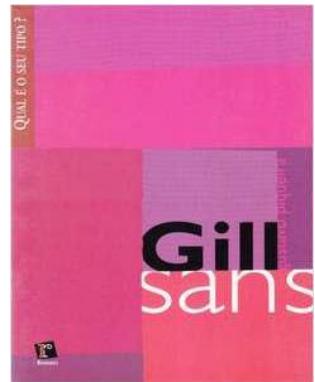
O autor escreveu um manual completo para criar e produzir livros que contempla todos os aspectos do design editorial. São 256 páginas ilustradas com livros produzidos em diversos países e que enfocam aspectos do planejamento, criação, diagramação, acabamento e técnicas de produção.



21. PIQUEIRA, Gustavo. **Gill Sans**. São Paulo: Rosari, 2003.

A encadernação em brochura com 20.6 x 13.6 cm.

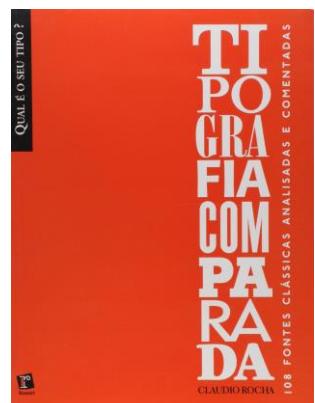
O autor nos descreve o tipo desenhado por Eric Gill (1882-1940), que ficou conhecido como Gill Sans. Mais que um desenhista de letras, Eric Gill foi escultor, e escreveu obras marcantes sobre esses temas. Essa família tipográfica pode ser considerada a precursora do que se convencionou chamar de sem serifa humanista, apresentando um grau de legibilidade em textos até então obtido apenas com fontes serifadas.



22. ROCHA, Claudio. **Tipografia comparada: 108 fontes clássicas analisadas e comentadas**. São Paulo: Rosari, 2004.

A encadernação é em brochura com 27.4 x 20.8 cm.

No Brasil, a cultura tipográfica está desenvolvendo com vigor seu potencial e os estudos dos designers e tipógrafos sobre a área já são reconhecidos internacionalmente.



Referências

- AMORIM, Sônia M. de. **Em busca de um tempo perdido:** edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: EdUSP, 1999.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro:** princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAINES, Phil; Haslam, Andrew. **Tipografía:** función, forma y diseño. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2005.
- BARAÇAL, Anaildo B.; BANDEIRA, Julio; MOUTINHO, Stella R. O. **Castro Maya:** bibliófilo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BARGÉS, Claudio. **Guia del maquinista tipógrafo.** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 1958.
- BRAGANÇA, Aníbal. **Rei do Livro:** Francisco Alva na história do livro e da leitura no Brasil. Niterói: EdUSP, 2016.
- BRINGHURST, Robert. **A forma sólida da linguagem.** São Paulo: Rosari, 2004.
- _____. **Elementos do estilo tipográfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- BURY, Richard de; ROLLEMBERG, Marcello. **Philobiblon:** mui interessante tratado sobre o amor aos livros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- CABRINI, Conceição; GUEDES, Maria do Carmo. **Flávio Aderaldo.** São Paulo: EdUSP, 1992
- CARDINALI, Luciano. **Letras que bailam:** Garamond. São Paulo: Rosari, 2004.
- CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro:** antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- FAWCETT-TANG, Roger; ROBERTS, Caroline. **O livro e o designer I:** embalagem, navegação, estrutura e especificação. São Paulo: Rosari, 2007.
- FERLAUTO, Claudio. **B de Bodoni.** São Paulo: Rosari, 2003.
- _____. **O efêmero e o paródico:** crônicas e ensaios sobre design. São Paulo: Rosari, 2007.
- FERNANDES, Magali O.; MONTONE, Sonia; LARSSON, Fábio; FONTANA, Carla F. **Cláudio Giordano.** São Paulo: EdUSP, 2003.
- FERREIRA, Jerusa P. **Jorge Zahar.** São Paulo: EdUSP, 2001.
- FERREIRA, Jerusa P.; GUINSBURG, J. (Jacó); BOCCHINI, Maria O.; MARTINS FILHO, Plínio. **Livros, editoras e projetos.** São Bernardo do Campo, SP: Ateliê Editorial, 1997.
- FERREIRA, Jerusa P.; LIMA, André de O.; GONÇALVES, José I.; Akiyoshi, Mine. **Arlindo Pinto de Souza.** São Paulo: EdUSP, 1995.

FERREIRA, Jerusa P.; SENRA, Mirian; FERNANDES, Magali O.; ALMEIDA, Marta A. de. **Ênio Silveira.** São Paulo: EdUSP, 1992.

GAUDENCIO JUNIOR, Galberto. **A herança escultórica da tipografia.** São Paulo: Rosari, 2004.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GODFREY, Jason. **Bibliográfico:** 100 livros clássicos sobre design gráfico. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II:** como criar e produzir livros. São Paulo: Rosari, 2007.

HELLER, Steven. **Linguagens do design:** compreendendo o design gráfico. São Paulo: Rosari, 2007.

HENDEL, Richard. **O design do livro.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

INSTITUTO CASA CLEBER TEIXEIRA (Florianópolis). **Catálogo da Editora Noa Noa em formato digital.** Editora Noa Noa. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <http://www.editoranoanoa.com.br/catalogo/>. Acesso em: 9 abr. 2022.

_____. **Editora Noa Noa.** [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <http://www.editoranoanoa.com.br/>. Acesso em: 7 out. 2021.

JURY, David. **O que é tipografia?** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2007.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MARTÍNEZ SICLUNA, V. **Teoria y práctica de la tipografía con nociones de las industriales afines:** manual para aprendices y oficiales. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 1945.

MARTINS FILHO, Plínio. **A arte invisível:** ou a arte do livro. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Ex-Libris:** coleção Livraria Sereia de José Luís Garaldi. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

MEGGS, Philip B. **História do design gráfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro:** anos 60. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins Boboli:** reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental.** Belo Horizonte: EdUSP, 2010.

PIQUEIRA, Gustavo. **Gill Sans.** São Paulo: Rosari, 2003.

ROCHA, Claudio. **Tipografia comparada:** 108 fontes clássicas analisadas e comentadas. São

Paulo: Rosari, 2004.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro:** ensaios sobre tipografia e estética do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

VICENTINI, Raquel M. **Samuel Leon.** São Paulo: EdUSP, 2010.